

OS UPANISHADS¹

Tradução do original para o inglês e comentários de
Swami Paramananda²

INTRODUÇÃO

Os *Upanishads* representam as mais elevadas alturas do antigo pensamento e cultura indo-ariana. Eles formam a porção da sabedoria ou *Gñana-Kanda* dos Vedas, em contraste com o *Karma-Kanda* ou porção sacrificial. Em cada um dos quatro grandes Vedas – conhecidos como *Rik*, *Yajur*, *Sama* e *Atharva* – há uma grande porção que trata predominantemente de rituais e cerimônias, e que tem como objetivo mostrar ao homem como, pelo caminho da ação correta, ele pode se preparar para uma realização superior. Seguindo isso, em cada Veda há outra porção chamada *Upanishad*, que trata inteiramente dos fundamentos da discriminação filosófica e da visão espiritual última. Por esta razão, os *Upanishads* são conhecidos como a *Vedanta*, ou seja, o fim ou objetivo final da sabedoria (*Veda*, sabedoria; *anta*, fim).

O nome *Upanishad* tem sido interpretado de várias maneiras. Muitos afirmam que é uma palavra composta em sânscrito, *Upa-ni-shad*, significando “sentar-se aos pés ou na presença de um mestre”; enquanto, segundo outras autoridades, significa “quebrar” ou “destruir” os grilhões da ignorância. Qualquer que tenha sido a razão técnica para selecionar este nome, ele foi escolhido, sem dúvida, para dar uma imagem de buscadores aspirantes “se aproximando” de algum Sábio Vidente no isolamento de uma floresta do Himalaia, para aprender com ele as verdades mais profundas sobre o universo cósmico e Deus. Como esses ensinamentos eram geralmente dados na quietude de algum retiro distante, onde os ruídos do mundo não podiam perturbar a tranquilidade da vida contemplativa, eles são conhecidos também como *Aranyakas*, Livros da

¹ O livro original em inglês (*The Upanishads*) foi editado e publicado pelo *The Vedanta Centre – Boston – EUA* (março-1919).

² Swami Paramananda (1884-1940), foi iniciado por Swami Vivekananda e treinado pelo grande disciplinador Swami Ramakrishnananda no Mosteiro de Madras. Trabalhou incansavelmente por mais de um quarto de século para espalhar a fragrância espiritual de Sri Ramakrishna e da Vedanta na América e no Ocidente. Ele foi um dos pioneiros neste campo. Ele estabeleceu o *Centro de Vedanta de Boston* e o *Ananda Ashrama* em La Crescenta, Califórnia. Inspirou milhares de homens e mulheres por sua atrativa personalidade, poderosas palestras e escritos sublimes. Escreveu aproximadamente quarenta livros, muitos deles como “*Path of Devotion*” e “*Book of Daily Thoughts and Prayers*” foram traduzidos para vários idiomas.

Floresta. Outra razão para este nome pode ser encontrada no fato de que eles eram destinados especialmente para os *Vānaprasthas* (aqueles que, tendo cumprido todos os seus deveres no mundo, se retiraram para a floresta para se dedicar ao estudo espiritual).

A forma que o ensino naturalmente assumiu foi a de diálogo, uma forma posteriormente adotada por Platão e outros filósofos gregos. Como nada era escrito e toda instrução era transmitida oralmente, os *Upanishads* são chamados *Shrutis*, “o que é ouvido”. O termo também foi usado no sentido de revelado, os *Upanishads* sendo considerados revelações diretas de Deus; enquanto as *Smritis*, Escrituras menores “registradas pela memória”, eram obras tradicionais de origem puramente humana. É um fato significativo que em nenhum lugar nos *Upanishads* é mencionado qualquer autor ou registrador.

Nenhuma data para a origem dos *Upanishads* pode ser fixada, porque o texto escrito não limita sua antiguidade. A palavra *Shruti* deixa isso claro para nós. O ensino provavelmente existiu por eras antes de ser registrado em qualquer forma escrita. O próprio texto traz evidência disso, porque não raramente, em um diálogo entre mestre e discípulo, o mestre cita de Escrituras anteriores que agora nos são desconhecidas. Como o Professor Max Muller afirma em suas palestras sobre a Filosofia Vedanta: “Tem-se a certeza de que por trás de todos esses clarões de pensamento religioso e filosófico há um passado distante, um fundo escuro do qual nunca conheceremos o início”. Alguns estudiosos colocam o período védico tão longe quanto 4000 ou 5000 a.C.; outros, de 2000 a 1400 a.C. Mas mesmo os mais conservadores admitem que ele antecede, por vários séculos pelo menos, o período budista, que começa no século VI a.C.

O valor dos *Upanishads*, no entanto, não repousa em sua antiguidade, mas na mensagem vital que contêm para todos os tempos e todos os povos. Não há nada particularmente racial ou local neles. As lições enobrecedoras dessas Escrituras são tão práticas para o mundo moderno quanto foram para os indo-arianos da mais antiga era védica. Seus ensinamentos estão resumidos em duas *Mahā-Vākyas* ou “grandes declarações”: — *Tat tvam asi* (Tu és Aquilo) e *Aham Brahmasmi* (Eu sou Brahman). Esta unidade da Alma e de Deus está na própria raiz de todo o pensamento védico, e é este ideal dominante da unidade de toda a vida e da unicidade da Verdade que torna o estudo dos *Upanishads* especialmente benéfico no momento presente.

Um dos mais eminentes orientalistas europeus escreve: “Se fixarmos nossa atenção sobre ele (este dogma fundamental do sistema Vedanta) em sua simplicidade filosófica como a identidade de Deus e da Alma, o Brahman e o Ātman, será encontrado que ele possui um significado que vai muito além dos *Upanishads*, de seu tempo e país; aliás, reivindicamos para ele um valor inestimável para toda a raça humana. [...] Quaisquer que sejam os caminhos novos e incomuns que a filosofia do futuro possa trilhar,

este princípio permanecerá permanentemente inabalável e nenhum desvio pode possivelmente ocorrer dele. Se alguma vez uma solução geral for alcançada para o grande enigma [...], a chave só pode ser encontrada onde, e somente onde, o segredo da natureza se abre para nós a partir de dentro, ou seja, em nosso mais íntimo ser. Foi aqui que, pela primeira vez, os pensadores originais dos *Upanishads*, para sua imortal honra, o encontraram. [...]"

A primeira introdução dos *Upanishads* ao mundo ocidental foi através de uma tradução para o persa feita no século XVII. Mais de um século depois, o distinto estudioso francês Anquetil Duperron trouxe uma cópia do manuscrito da Pérsia para a França e o traduziu para o francês e latim, publicando apenas o texto latino. Apesar das distorções que devem ter resultado da transmissão através de duas línguas distintas de fora, a luz do pensamento ainda brilhava com tal intensidade que arrancou de Schopenhauer as fervorosas palavras: "Como o *Oupnekhat* (*Upanishad*) respira inteiramente o espírito sagrado dos Vedas! Como cada um, que por um estudo diligente de seu persa-latim se familiarizou com esse livro incomparável, é comovido por aquele espírito até a profundidade de sua Alma! De cada frase surgem pensamentos profundos, originais e sublimes, e o todo é permeado por um espírito elevado, sagrado e sério." Novamente ele diz: "O acesso a (os Vedas) por meio dos *Upanishads* é, aos meus olhos, o maior privilégio que este século ainda jovem (1818) pode reivindicar antes de todos os séculos anteriores." Este testemunho é confirmado pelo pensador erudito americano Thoreau, que escreve: "Os extratos dos Vedas que li caem sobre mim como a luz de um astro mais elevado e puro, que descreve um curso mais alto através de um estrato mais puro — livre de particularidades, simples, universal."

A primeira tradução para o inglês foi feita por um erudito hindu, Raja Ram Mohun Roy (1775-1833). Desde então, houve várias traduções europeias — francesas, alemãs, italianas e inglesas. Mas uma mera tradução, por mais precisa e simpática, não é suficiente para tornar os *Upanishads* acessíveis à mente ocidental. O Professor Max Muller, após uma vida de árduo trabalho neste campo, confessa francamente: "As palavras modernas são redondas, as palavras antigas são quadradas, e podemos tanto esperar resolver a quadratura do círculo quanto expressar adequadamente o antigo pensamento dos Vedas em inglês moderno."

Sem um comentário, é praticamente impossível entender tanto o espírito quanto o significado dos *Upanishads*. Eles nunca foram planejados como Escrituras populares. Eles cresceram essencialmente como livros-textos do conhecimento de Deus e do autoconhecimento, e como todos os livros-textos, eles precisam de interpretação. Sendo transmitidos oralmente de mestre para discípulo, o estilo era necessariamente extremamente condensado e na forma de aforismos. A linguagem também

era frequentemente metafórica e obscura. No entanto, se alguém tem a perseverança de penetrar sob essas meras dificuldades superficiais, é recompensado cem vezes; pois esses antigos Livros Sagrados contêm as mais preciosas joias do pensamento espiritual.

Todo *Upanishad* começa com um Canto de Paz (*Shānti-pāṭha*) para criar a atmosfera adequada de pureza e serenidade. Para estudar sobre Deus, toda a natureza deve ser preparada, então, de forma unida e com corações amorosos, mestre e discípulos oraram ao Ser Supremo por Sua graça e proteção. Não é possível compreender os problemas sutis da vida a menos que o pensamento esteja tranquilo e a energia concentrada. Até que nossa mente seja retirada das diversas distrações e agitações dos assuntos mundanos, não podemos entrar no espírito do estudo religioso superior. Nenhum estudo é proveitoso enquanto nosso ser interior não estiver sintonizado. Devemos manter uma atitude pacífica para com todos os seres vivos; e se ela estiver faltando, devemos nos esforçar fervorosamente para cultivá-la por meio da sugestão através do canto ou repetição de algum texto sagrado. A mesma lição é ensinada por Jesus Cristo quando Ele diz: “Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem apresentar a tua oferta.”

Tendo em mente este elevado ideal de paz, tentemos tornar nossos corações livres de preconceito, dúvida e intolerância, para que desses escritos sagrados possamos extrair em abundância inspiração, amor e sabedoria.

Paramananda



ISA-UPANISHAD

Este Upanishad deriva seu título das palavras iniciais, Isā-vāśya, “coberto pelo Senhor”. O uso de Íśa (Senhor) – um nome mais pessoal do Ser Supremo do que Brahman, Ātman ou Ser, nomes geralmente encontrados nos Upanishads – constitui uma de suas particularidades. Ele forma o capítulo final do Yajur-Veda, conhecido como Shukla (Branco).

A unidade da Alma e de Deus, e o valor tanto da fé quanto das obras [os trabalhos e ações] como meios para a realização final são os temas principais deste Upanishad. O ensinamento geral dos Upanishads é que as obras sozinhas, mesmo as mais elevadas, só podem trazer felicidade temporária e inevitavelmente devem

prender um homem, a menos que através delas ele adquira o conhecimento de seu Verdadeiro Ser. Ajudá-lo a adquirir este conhecimento é o objetivo deste e de todos os Upanishads.

CANTO DE PAZ

OM! Aquilo (o Invisível-Absoluto) é o Todo; o todo é isto (o fenômeno visível); do Todo Invisível emana o todo visível. Embora o todo visível tenha emanado daquele Todo Invisível, ainda assim o Todo permanece inalterado.

OM! PAZ! PAZ! PAZ!

O termo indefinido “Aquilo” é usado nos *Upanishads* para designar o Absoluto-Invisível, porque nenhuma palavra ou nome pode defini-Lo totalmente. Um objeto finito, como uma mesa ou uma árvore, pode ser definido; mas Deus, que é infinito e ilimitado, não pode ser expresso por uma linguagem finita. Portanto, os *Rishis* ou Videntes Divinos, desejando não limitar o Ilimitado, escolheram o termo indefinido “Aquilo” para designar o Absoluto.

À luz da verdadeira sabedoria, o fenomênico e o Absoluto são inseparáveis. Toda existência está no Absoluto; e tudo o que existe deve existir n’Ele; portanto, toda manifestação é meramente uma modificação do Único Todo Supremo, e não O aumenta nem O diminui. O Todo, portanto, permanece inalterado.

I

Tudo isto, tudo o que existe no universo, deve ser coberto pelo Senhor. Tendo renunciado (ao irreal), desfrute (do Real). Não cobice a riqueza de nenhum homem.

Cobrimos todas as coisas com o Senhor ao percebermos a Presença Divina em toda parte. Quando a consciência está firmemente fixada em Deus, a concepção de diversidade naturalmente desaparece; porque a Única Existência Cósmica brilha através de todas as coisas. À medida que ganhamos a luz da sabedoria, cessamos de nos apegarmos às irrealidades deste mundo, e encontramos toda nossa alegria no plano da Realidade.

A palavra “desfrutar” também é interpretada pelo grande comentarista Sankaracharya como “proteger”, porque o conhecimento de nosso verdadeiro Ser é o maior protetor e sustentador. Se não tivermos esse conhecimento, não

podemos ser felizes; porque nada neste plano externo dos fenômenos é permanente ou confiável. Aquele que é rico no conhecimento do Ser não cobiça poder ou posses externas.

II

Se alguém desejar viver neste mundo por cem anos, deve viver realizando *Karma* (ações justas). Assim podes viver; não há outro caminho. Fazendo isto, o *Karma* (os frutos de tuas ações) não te maculará.

Se um homem ainda se apegue à vida longa e às posses terrenas, e, portanto, é incapaz de seguir o caminho do Conhecimento do Ser (*Gnana-Nishta*) conforme prescrito no primeiro *Mantram* (verso), então ele pode seguir o caminho da ação correta (*Karma-Nishta*). *Karma* aqui significa ações realizadas sem motivo egoísta, por causa apenas do Senhor. Quando um homem realiza ações apegando-se cegamente a seus desejos inferiores, então suas ações o prendem ao plano da ignorância ou ao plano do nascimento e da morte; mas quando as mesmas ações são realizadas com entrega a Deus, elas o purificam e libertam.

III

Depois de deixarem seus corpos, aqueles que mataram o Ser vão para os mundos dos *Asuras*, cobertos de ofuscante ignorância.

A ideia de ascender a regiões luminosas como recompensa para os que fazem o bem, e de cair em reinos de escuridão como punição para os que fazem o mal, é comum a todas as grandes religiões. Mas a *Vedanta* afirma que essa condição de céu e inferno é apenas temporária; porque nossas ações, sendo finitas, só podem produzir um resultado finito.

O que significa “matar o Ser”? Como pode a Alma imortal ser destruída? Ela não pode ser destruída, só pode ser obscurecida. Aqueles que se mantêm sob o domínio da ignorância, que servem à carne e negligenciam o *Ātman* ou o verdadeiro Ser, não são capazes de perceber a natureza efulgente e indestrutível de sua Alma; portanto, eles caem no plano onde a luz da Alma não brilha. Aqui o *Upanishad* mostra que o único inferno é a ausência de conhecimento. Enquanto o homem estiver dominado pela escuridão da ignorância, ele é escravo da Natureza e deve aceitar o que vier como fruto de seus pensamentos e ações. Quando ele se desvia para o caminho da irrealidade, os Sábios declaram que ele se destrói; porque aquele que se apegue ao corpo perecível e o considera seu verdadeiro Ser deve experimentar a morte muitas vezes.

IV

Aquele Um, embora imóvel, é mais veloz que a mente. Os sentidos nunca podem alcançá-Lo, pois Ele sempre vai adiante. Embora imóvel, Ele viaja mais rápido do que aqueles que correm. Por Ele, o ar onipresente sustenta todos os seres vivos.

Este verso explica o caráter do Ātman ou Ser. Um objeto finito pode ser levado de um lugar e colocado em outro, mas só pode ocupar um espaço por vez. O Ātman, no entanto, está presente em toda parte; portanto, embora alguém corra com a maior rapidez para alcançá-Lo, Ele já está lá antes dele.

Mesmo o ar onipresente deve ser sustentado por este Ser, já que Ele é infinito; e como nada pode viver sem respirar o ar, todos os seres vivos devem extrair sua vida do Ser Cósmico.

V

Ele se move e Ele não se move. Ele está longe e também está perto. Ele está dentro e também está fora de tudo isto.

Ele está perto daqueles que têm o poder de entendê-Lo, pois habita no coração de cada um; mas parece longe para aqueles cuja mente está coberta pelas nuvens da sensualidade e do autoengano. Ele está dentro, porque Ele é a Alma mais íntima de todas as criaturas; e Ele está fora como a essência de todo o universo externo, preenchendo-o como o éter onipresente.

VI

Aquele que vê todos os seres no Ser e o Ser em todos os seres, nunca se afasta d'Ele (o Ser).

VII

Aquele que percebe todos os seres como o Ser, para ele como pode haver ilusão ou tristeza, quando ele vê esta unidade (em toda parte)?

Aquele que percebe o Ser em toda parte nunca se esquivava de nada, porque através de sua consciência superior ele se sente unido a toda a vida. Quando um homem vê Deus em todos os seres e todos os seres em Deus, e também Deus habitando em sua própria Alma, como ele pode odiar qualquer ser vivo? A tristeza e a ilusão repousam sobre uma crença na diversidade, o que leva à competição e a todas as formas de egoísmo. Com a realização da unidade, o senso de diversidade desaparece e a causa do sofrimento é removida.

VIII

Ele (o Ser) é tudo-circundante, resplandecente, incorpóreo, imaculado, sem bases, puro, intocado pelo pecado, que tudo vê, que tudo sabe, transcendente, autoexistente; Ele dispôs todas as coisas devidamente para os anos eternos.

Este texto define a natureza real do Ser. Quando nossa mente está limpa da escória da matéria, só então podemos contemplar o vasto, radiante, sutil, sempre puro e imaculado Ser, a verdadeira base de nossa existência.

IX

Entram na cega escuridão aqueles que adoram *Avidyā* (ignorância e ilusão); eles caem, por assim dizer, em maior escuridão aqueles que adoram *Vidyā* (conhecimento). [Ver nota abaixo]

X

Por *Vidyā* um fim é alcançado; por *Avidyā*, outro. Assim ouvimos dos homens sábios que nos ensinaram isto.

XI

Aquele que conhece simultaneamente tanto *Vidyā* quanto *Avidyā*, atravessa a morte por *Avidyā* e atinge a imortalidade através de *Vidyā*.

Aqueles que seguem ou “adoram” o caminho do egoísmo e do prazer (*Avidyā*), sem conhecer nada mais elevado, necessariamente caem na escuridão; *mas aqueles que adoram ou estimam Vidyā (conhecimento) por mero orgulho e satisfação intelectual, caem em maior escuridão, porque a oportunidade que eles desperdiçam é maior.*

Nos versos subsequentes, *Vidyā* e *Avidyā* são usados em um sentido semelhante ao de ‘fé’ e ‘obras’ na Bíblia Cristã; nenhuma delas sozinha pode levar ao objetivo final, mas quando tomadas juntas elas conduzem ao Mais Elevado. O trabalho feito com motivo altruísta purifica a mente e permite ao homem perceber sua natureza imperecível. Disso ele ganha inevitavelmente o conhecimento de Deus, porque a Alma e Deus são um e inseparáveis; e quando ele sabe que é um com o Todo Supremo e Indestrutível, ele realiza sua imortalidade.

XII

Caem na cega escuridão aqueles que adoram o Não-Manifestado e caem em maior escuridão aqueles que adoram o manifestado.

XIII

Pela adoração do Não-Manifestado, um fim é alcançado; pela adoração do manifestado, outro. Assim ouvimos dos homens sábios que nos ensinaram isto.

XIV

Aquele que conhece simultaneamente tanto o Não-Manifestado (a causa da manifestação) quanto o destrutível ou manifestado, atravessa a morte através do conhecimento do destrutível e atinge a imortalidade através do conhecimento da Primeira Causa (Não-Manifestado).

Este Upanishad em particular trata principalmente da Causa Invisível e da manifestação visível; e toda a tendência de seu ensino é mostrar que elas são uma e a mesma, uma sendo o resultado da outra; portanto, nenhum conhecimento perfeito é possível sem a compreensão simultânea de ambas. Os homens sábios declaram que aquele que adora de forma unilateral, seja o visível ou o invisível, não alcança o objetivo mais elevado. Somente aquele que tem uma compreensão coordenada tanto do visível quanto do invisível, da matéria e do espírito, da atividade e daquilo que está por trás da atividade, conquista a Natureza e, assim, supera a morte. Pelo trabalho, ao tornar a mente estável e ao seguir as regras prescritas dadas nas Escrituras, um homem obtém sabedoria. Pela luz dessa sabedoria, ele é capaz de perceber a Causa Invisível em todas as formas visíveis. Portanto, o homem sábio O vê em todas as formas manifestadas. Aqueles que têm uma concepção verdadeira de Deus nunca estão separados Dele. Eles existem n'Ele e Ele neles.

XV

O rosto da Verdade está escondido por um disco de ouro. Ó Pushan (Ser Efulgente)! Descobre (Teu rosto) para que eu, o adorador da Verdade, possa contemplar-Te.

XVI

Ó PUSHAN! Ó Sol, único viajante dos céus, controlador de tudo, filho de Prajapati, retrai Teus raios e recolhe Tua ardente efulgência.

Agora, através de Tua Graça, contemplo Tua abençoada e gloriosa forma. O *Purusha* (Ser Efulgente) que habita dentro de Ti, sou Eu.

Aqui o sol, que é o doador de toda luz, é usado como símbolo do Infinito, doador de toda sabedoria. O buscador da Verdade ora ao Ser Efulgente para controlar Seus raios deslumbrantes, para que seus olhos, não mais cegados por eles, possam contemplar a Verdade. Tendo-a percebido, ele proclama: “Agora vejo que aquele Ser Efulgente e eu somos um e o mesmo, e minha ilusão está destruída.” Pela luz da Verdade, ele é capaz de discriminar entre o real e o irreal, e o conhecimento assim adquirido o convence de que ele é um com o Supremo; de que não há diferença entre ele mesmo e a Verdade Suprema; ou como Cristo disse: “Eu e meu Pai somos um.”

XVII

Que minha força vital vá para o *Prāna* onipresente e imortal, e que este corpo seja reduzido a cinzas. Om! Ó mente, lembra-te de teus atos! Ó mente, lembra-te, lembra-te de teus atos! Lembra-te!

Não busques resultados fugazes como recompensa de tuas ações, ó mente! Luta apenas pelo Imperecível. Este *Mantram* ou texto é frequentemente cantado na hora da morte para lembrar alguém da natureza perecível do corpo e da natureza eterna da Alma. Quando a visão clara da distinção entre o corpo mortal e a Alma imortal surge no coração, então toda ânsia por prazer físico ou posse material desaparece; e alguém pode dizer: que o corpo seja reduzido a cinzas para que a Alma possa alcançar sua liberdade; pois a morte nada mais é do que descartar uma veste gasta.

XVIII

Ó AGNI (Ser Brilhante)! Conduze-nos à bem-aventurança pelo bom caminho. Ó Senhor! Tu conheces todos os nossos atos, remove todo o mal e toda a ilusão de nós. A Ti oferecemos nossas prosternações e súplicas repetidas vezes.

Aqui termina este Upanishad.

Este Upanishad é chamado *Isā-Vasya-Upanishad*, aquele que dá *Brahma-Vidyā* ou conhecimento da Divindade Onipresente. O pensamento dominante que o percorre todo é que não podemos desfrutar a vida ou realizar a verdadeira felicidade, a menos que “cubramos” conscientemente tudo com o Senhor Onipresente. Se não estamos plenamente conscientes daquilo que sustenta nossa vida, como podemos viver com sabedoria e cumprir nossos deveres? Tudo o que

vemos, móvel ou imóvel, bom ou mau, tudo é “Aquilo”. Não devemos dividir nossa concepção do universo; porque ao dividi-lo, temos apenas um conhecimento fragmentário e, assim, nos limitamos.

Aquele que vê todos os seres em seu Ser e seu Ser em todos os seres, ele nunca sofre; porque quando ele vê todas as criaturas dentro de seu verdadeiro Ser, então o ciúme, a tristeza e o ódio desaparecem. Somente ele pode amar. Aquele Onipresente é autoefulgente, sem nascimento, sem morte, puro, não manchado pelo pecado e pela dor. Sabendo disso, ele se liberta da escravidão da matéria e transcende a morte. Transcender a morte significa realizar a diferença entre corpo e Alma e identificar-se com a Alma. Quando realmente contemplamos a Alma imperecível dentro de nós e realizamos nossa verdadeira natureza, não mais nos identificamos com o corpo que morre e não morremos com o corpo.

O autoconhecimento sempre foi o tema dos Sábios; e os Upanishads tratam especialmente do conhecimento do Ser e também do conhecimento de Deus, porque não há diferença entre o Ser e Deus. Eles são um e o mesmo. Aquilo que emana do Todo Infinito também deve ser infinito; portanto, o Ser é infinito. Aquilo é o oceano, nós somos as gotas. Enquanto a gota permanece separada do oceano, ela é pequena e fraca; mas quando é uma com o oceano, então ela tem toda a força do oceano. Da mesma forma, enquanto o homem acredita estar separado do Todo, ele é desamparado; mas quando ele se identifica com Ele, então ele transcende toda a fraqueza e compartilha de Suas qualidades onipotentes.



KATHA-UPANISHAD

O Katha-Upanishad é provavelmente o mais amplamente conhecido de todos os Upanishads. Foi traduzido para o persa em antiga data e através desta tradução chegou pela primeira vez à Europa. Mais tarde, Rājā Ram Mohun Roy publicou uma versão em inglês. Desde então, ele apareceu em várias línguas; e escritores ingleses, alemães e franceses concordam em pronunciá-lo uma das mais perfeitas expressões da religião e filosofia dos Vedas. Sir Edwin Arnold o popularizou por sua versão poética sob o nome de “O Segredo da Morte” e Ralph Waldo Emerson resume sua história no final de seu ensaio sobre “A Imortalidade”.

Não há consenso sobre o lugar deste Upanishad na literatura védica. Algumas autoridades declaram que ele pertence ao Yajur-Veda, outras ao Sāma-Veda, enquanto um grande número o considera parte do Atharva-Veda. A história é sugerida pela primeira vez no Rig-Veda; é contada de forma mais definida no Yajur-Veda; e no Katha-Upanishad aparece plenamente elaborada e entrelaçada com o mais elevado ensino védico. Não há nada, no entanto, que indique o lugar

especial desta versão final, nem foi encontrado qualquer significado para o nome Katha.

O texto apresenta um diálogo entre um discípulo aspirante, Nachiketas, e o Governante da Morte sobre o grande Além.

CANTO DE PAZ

Que Ele (o Ser Supremo) nos proteja a ambos, mestre e aluno. Que Ele se agrade conosco. Que adquiramos força. Que nosso estudo nos traga iluminação. Que não haja inimizade entre nós.

OM! PAZ! PAZ! PAZ!

PRIMEIRA PARTE

I

VAJASRAVA, desejando recompensas celestiais (no sacrifício Viswajit), fez uma doação de tudo que possuía. Ele tinha um filho chamado Nachiketas.

II

Quando as oferendas estavam sendo distribuídas, a fé (*Shraddha*) entrou (no coração de) Nachiketas, que, embora jovem, refletiu:

III

Estas vacas beberam água, comeram grama e deram leite pela última vez, e seus sentidos perderam todo o vigor. Aquele que dá estas [vacas] certamente vai para planos sem alegria.

Na Índia, a ideia de sacrifício sempre foi dar livremente pela felicidade de dar, sem pedir nada em troca; e todo o propósito e mérito do sacrifício são perdidos se o doador nutre o mínimo pensamento de nome, fama ou benefício individual. O sacrifício especial Viswajit que Vajasrava estava realizando exigia que ele desse tudo o que possuía. Quando, no entanto, os presentes foram

trazidos para serem oferecidos, seu filho Nachiketas, embora provavelmente um garoto de cerca de doze anos de idade, observou quão inúteis eram os animais que seu pai estava oferecendo. Seu coração imediatamente se encheu de *Shraddha*. Não há uma única palavra em inglês [ou português] que possa transmitir o significado deste termo sânscrito. É mais do que mera fé. Também implica autoconfiança, um senso independente de certo e errado e a coragem das próprias convicções. Como um menino de tenra idade, Nachiketas não tinha o direito de questionar a ação de seu pai; ainda assim, impelido pelo súbito despertar de sua natureza superior, ele não pôde deixar de refletir: “Apenas dando essas vacas inúteis, meu pai não pode ganhar nenhum mérito. Se ele fez o voto de dar todas as suas posses, então ele também deve me dar. Caso contrário, seu sacrifício não será completo e frutífero.” Portanto, ansioso pelo bem-estar de seu pai, ele se aproximou dele suave e respeitosamente.

IV

Ele disse a seu pai: Querido pai, a quem me darás? Ele disse uma segunda vez, depois uma terceira vez. O pai respondeu: Te darei à Morte.

Nachiketas, sendo um filho obediente e ansioso para expiar pelo sacrifício inadequado de seu pai, tentou lembrá-lo assim indiretamente de que ele não havia cumprido sua promessa de dar todas as suas posses, uma vez que ainda não havia oferecido seu próprio filho, que seria um presente mais valioso do que gado inútil. Seu pai, consciente de que não estava fazendo um sacrifício verdadeiro, tentou ignorar as perguntas do garoto; mas irritado por sua persistência, ele finalmente respondeu impacientemente: “Te dou a Yama, o Senhor da Morte.” O fato de a raiva poder surgir tão rapidamente em seu coração provou que ele não tinha a atitude adequada de um sacrificador, que deve estar sempre tranquilo, elevado e livre do egoísmo.

V

Nachiketas pensou: Entre muitos (dos discípulos de meu pai) eu sou o primeiro; entre muitos (outros) eu fico no meio (mas nunca o último). O que será realizado para meu pai com minha ida hoje a Yama?

Não foi presunção que levou Nachiketas a considerar sua própria posição e importância. Ele estava pesando seu valor como filho e discípulo para poder julgar se tinha mérito suficiente para provar ser um presente digno. Embora ele percebesse que a resposta dura de seu pai era apenas a expressão de um momento de explosão de raiva; ainda assim ele acreditava que um dano maior poderia acontecer a seu pai se sua palavra não fosse mantida. Portanto, ele

procurou fortalecer a resolução de seu pai, lembrando-o da condição transitória da vida. Ele disse:

VI

Olhe para trás, para aqueles que viveram antes e olhe para aqueles que vivem agora. Como grãos, o mortal decai e como grãos novamente brota (renasce).

Todas as coisas perecem, só a Verdade permanece. Por que então temer sacrificar-me também? Assim, Nachiketas convenceu seu pai de que ele deveria permanecer fiel à sua palavra e enviá-lo a Yama, o Senhor da Morte. Então Nachiketas foi à morada da Morte, mas Yama estava ausente e o garoto esperou sem comida ou bebida por três dias. No retorno de Yama, um de seus familiares disse a ele:

VII

Como o fogo, um hóspede Brâmane entra nas casas. Aquele fogo é extinguido por uma oferenda. (Portanto) Ó Vaivaswata, traga água.

VIII

O homem tolo em cuja casa um hóspede Brâmane permanece sem comida, todas as suas esperanças e expectativas, todo o mérito ganho por sua associação com os santos, por suas boas palavras e ações, todos os seus filhos e gado, são destruídos.

De acordo com o antigo ideal védico, um hóspede é o representante de Deus e deve ser recebido com a devida reverência e honra. Especialmente é este o caso de um Brâmane ou um *Sannyâsin* cuja vida é inteiramente consagrada a Deus. Qualquer um que falhe em dar o devido cuidado a um hóspede santo traz infortúnio sobre si e sua casa. Quando Yama retornou, portanto, um dos membros de sua casa informou-o ansiosamente da presença de Nachiketas e implorou-lhe que trouxesse água para lavar seus pés, sendo este sempre o primeiro serviço a um hóspede que chega.

IX

YAMA disse: Ó Brâmane! Reverenciado hóspede! Minhas saudações a ti. Como permaneceste três noites em minha casa sem comida, por isso escolhe três desejos, ó Brâmane.

X

NACHIKETAS disse: Que Gautama, meu pai, fique livre de pensamentos ansiosos (sobre mim). Que ele perca toda a raiva (para comigo) e seja pacificado no coração. Que ele me conheça e me receba quando eu for enviado de volta por ti. Isto, ó Morte, é o primeiro dos três desejos que escolho.

XI

YAMA respondeu: Através de minha vontade, Auddalaki Aruni (teu pai) te conhecerá e voltará a ser para ti como antes. Ele dormirá em paz à noite. Ele ficará livre da ira quando ver a ti libertado das garras da morte.

XII

NACHIKETAS disse: No reino do céu não há medo, tu (Morte) não estás lá; nem há medo da velhice. Tendo ultrapassado tanto a fome quanto a sede e estando acima da tristeza, (eles) se alegram no céu.

XIII

Tu conheces, ó Morte, o sacrifício do fogo que conduz ao céu. Diga isso para mim, que estou cheio de *Shraddha* (fé e anseio). Aqueles que vivem no reino do céu desfrutem da liberdade da morte. Isto eu peço como meu segundo desejo.

XIV

YAMA respondeu: Eu conheço bem aquele fogo que conduz ao reino do céu. Eu te contarei. Escuta-me. Saiba, ó Nachiketas, que este é o meio de alcançar mundos infinitos e seu suporte. Ele está escondido no coração de todos os seres.

XV

YAMA então lhe contou sobre aquele sacrifício do fogo, o começo de todos os mundos; quais tijolos, quantos e como são dispostos para o

altar. Nachiketas repetiu tudo como lhe foi contado. Então a Morte, satisfeita com ele, disse novamente:

XVI

O grande Yama, muito satisfeito, disse-lhe (a Nachiketas): Dou-te agora outro desejo. Este (sacrifício) do fogo terá teu nome. Toma também esta guirlanda de muitas cores.

XVII

Aquele que realiza este sacrifício do fogo de Nachiketa três vezes, estando unido aos três (mãe, pai e mestre), e que cumpre o dever triplo (estudo dos Vedas, sacrifício e doação de esmolas) ultrapassa o nascimento e a morte. Conhecendo este adorável fogo brilhante, nascido de Brahman, e realizando-O, ele atinge a paz eterna.

XVIII

Aquele que conhece o fogo triplo de Nachiketa e realiza o sacrifício do fogo de Nachiketa com conhecimento triplo, tendo lançado fora as amarras da morte e estando além da tristeza, ele se alegra no reino do céu.

XIX

Ó NACHIKETAS, este é teu fogo que conduz ao céu, que escolheste como teu segundo desejo. As pessoas chamarão este fogo pelo teu nome. Peça o terceiro desejo, Nachiketas.

O fogo é considerado “a fundação de todos os mundos”, porque é o revelador da criação. Se não houvesse fogo ou luz, nenhuma forma manifesta seria visível. Lemos nas Escrituras Semíticas: “No princípio, o Senhor disse: ‘Haja luz’.” Portanto, aquilo que no universo externo se apresenta como um dos mais puros símbolos do Divino, também habita de forma sutil no coração de todo ser vivo como a energia vital, a força vital ou causa da existência.

Yama agora conta a Nachiketas como, ao realizar o sacrifício com o conhecimento triplo, ele pode transcender a tristeza e a morte e alcançar o céu. O conhecimento triplo referido é sobre a preparação do altar e do fogo. Nachiketas, ansioso para aprender, ouviu com atenção plena e foi capaz de repetir tudo o que lhe foi dito. Isso agradou tanto a Yama que ele lhe concedeu o desejo extra de

nomear o sacrifício do fogo com seu nome e lhe deu uma guirlanda cravejada de pedras preciosas.

Os versos XVI-XVIII são considerados por muitos como uma interpolação, o que explicaria certas obscuridades e repetições neles.

XX

NACHIKETAS disse: Há esta dúvida sobre o que acontece com um homem após a morte. Alguns dizem que ele existe, outros que não existe. Este conhecimento eu desejo, sendo instruído por ti. Dos desejos, este é o terceiro desejo.

XXI

YAMA respondeu: Até mesmo os Devas (Seres Brilhantes) da antiguidade duvidaram sobre isto. Não é fácil conhecer; sutil é de fato este assunto. Ó Nachiketas, escolhe outro desejo. Não me pressiones. Não me peças este desejo.

XXII

NACHIKETAS disse: Ó Morte, tu dizes que até mesmo os Devas tiveram dúvidas sobre isto, e que não é fácil conhecer. Outro mestre igual a ti não pode ser encontrado. Portanto, nenhum outro dom pode igualar-se a este.

XXIII

YAMA disse: Pede filhos e netos que viverão cem anos, muito gado, elefantes, ouro e cavalos. Pede terras de vasta extensão e viva tu mesmo quantos outonos desejares.

XXIV

Se pensas em algum outro desejo igual a este, pede riqueza e longa vida; seja o governante sobre a vasta terra. Ó Nachiketas, farei de ti o desfrutador de todos os desejos.

XXV

Quaisquer objetos de desejo difíceis de obter no reino dos mortais, pede-os todos como desejares; estas donzelas encantadoras com suas carruagens e instrumentos musicais, tais como não são obtidas pelos mortais — seja servido por estas que eu te dou. Ó Nachiketas, não perguntes sobre a morte.

O terceiro desejo pedido por Nachiketas sobre o grande Além era um que só poderia ser concedido àqueles que estivessem libertos de todos os desejos e limitações mortais; portanto, Yama primeiro testou Nachiketas para ver se ele estava pronto para receber tal conhecimento. “Não me pressiones sobre este segredo”, ele disse. “Até mesmo homens sábios não podem entendê-lo e tu és um mero rapaz. Tenha, antes, longa vida, riqueza, o que quer que te dê felicidade no plano mortal.” Mas o rapaz provou sua força e dignidade permanecendo firme em sua resolução de conhecer o grande segredo da vida e da morte.

XXVI

NACHIKETAS disse: Ó Morte, estas coisas são fugazes; elas enfraquecem o vigor de todos os sentidos no homem. Até mesmo a vida mais longa é curta. Fique para ti tuas carruagens, dança e música.

XXVII

O homem não pode ser satisfeito pela riqueza. Possuiremos riqueza quando te virmos (Morte)? Continuaremos a viver enquanto tu governares? Portanto, apenas aquele desejo deve ser escolhido por mim.

XXVIII

Que homem, habitando no plano mortal decadente, tendo se aproximado do imortal imperecível, e tendo refletido sobre a natureza do gozo através da beleza e do prazer sensual, se deleitaria com a longa vida?

XXIX

Ó MORTE, aquilo sobre o qual há dúvida, do grande Além, conta-nos. Nachiketas não pede nenhum outro dom senão aquele que penetra este segredo oculto.

SEGUNDA PARTE

I

YAMA disse: O bom é uma coisa e o agradável é outra. Estes dois, tendo fins diferentes, prendem um homem. Está bem com aquele que escolhe o bom. Aquele que escolhe o agradável perde o verdadeiro fim.

II

O bom e o agradável se aproximam do homem; o sábio examina ambos e discrimina entre eles; o sábio prefere o bom ao agradável, mas o homem tolo escolhe o agradável por amor ao prazer corporal.

III

Ó NACHIKETAS, após sábia reflexão, tu renunciaste ao agradável e a todas as formas apazíveis. Tu não aceitaste esta guirlanda de grande valor, pela qual muitos mortais perecem.

IV

Muito distantes estão estes dois — a ignorância e o que é conhecido como sabedoria, conduzindo em direções opostas. Eu acredito que Nachiketas seja alguém que anseia por sabedoria, uma vez que muitos objetos tentadores não te desviaram.

Com esta segunda parte, o Senhor da Morte começa suas instruções sobre o grande Além. Existem dois caminhos — um conduzindo a Deus, o outro conduzindo ao prazer mundano. Aquele que segue um inevitavelmente se afasta do outro; porque, como luz e escuridão, eles entram em conflito. Um leva ao plano espiritual imperecível; o outro, ao plano físico perecível. Ambos confrontam um homem a cada passo da vida. O homem que discerne, distinguindo entre os dois, escolhe o Real e Eterno, e somente ele atinge o mais

elevado; enquanto o homem ignorante, preferindo o que lhe traz resultados imediatos e tangíveis, perde o verdadeiro propósito de sua existência. Embora Yama tenha colocado diante de Nachiketas muitas tentações para testar sua sinceridade e seriedade, ele, julgando-as em seu valor real, recusou todas, dizendo: “Eu vim do reino mortal, pedirei o que é mortal? Desejo apenas o que é eterno.” Então a Morte disse a ele: “Vejo agora que tu és um sincero buscador da Verdade. Eu te ofereci vasta riqueza, longa vida e toda forma de prazer que tenta e ilude os homens; mas tu provaste teu mérito rejeitando-os todos.”

V

Os tolos, habitando na ignorância, ainda imaginando-se sábios e eruditos, andam em círculos por caminhos tortuosos, como cegos guiados por cegos.

VI

O Além nunca surge diante da criança impensada (o ignorante), iludido pelo glamour da riqueza. “Este mundo apenas é, não há outro”, pensando assim, ele cai sob meu domínio repetidas vezes.

Há muitos no mundo que, inchados de presunção intelectual, acreditam ser capazes de guiar os outros. Mas embora possam possuir uma certa quantidade de sabedoria mundana, são desprovidos de compreensão mais profunda; portanto, tudo o que dizem apenas aumenta a dúvida e a confusão nas mentes daqueles que os ouvem. Por isso, são comparados a cegos guiando cegos.

O Além não brilha diante daqueles que carecem do poder de discriminação e são facilmente levados, portanto, pelo encanto de objetos fugazes. Como crianças são tentadas por brinquedos, assim eles são tentados pelo prazer, poder, nome e fama. Para eles, estes parecem as únicas realidades. Sendo assim apegados a coisas perecíveis, eles vêm muitas vezes sob o domínio da morte. Há uma parte de nós que deve morrer; há outra parte que nunca morre. Quando um homem pode se identificar com sua natureza imperecível, que é uma com Deus, então ele supera a morte.

VII

Aquele sobre quem muitos nem mesmo são capazes de ouvir, a quem muitos não podem compreender mesmo após ouvir: maravilhoso é o mestre, maravilhoso é aquele que pode receber quando ensinado por um mestre competente.

Ao longo das Escrituras Védicas, declara-se que ninguém pode transmitir conhecimento espiritual a menos que tenha realização. O que significa realização? Significa conhecimento baseado na percepção direta. Na Índia, muitas vezes os melhores mestres não têm erudição, mas seu caráter é tão brilhante que todos aprendem apenas por entrar em contato com eles. Em uma das Escrituras, lemos: Sob uma árvore *banian* estava sentado um jovem mestre e ao lado dele um discípulo idoso. A mente do discípulo estava cheia de dúvidas e perguntas, mas embora o mestre permanecesse em silêncio, gradualmente toda dúvida desaparecia da mente do discípulo. *Isso significa que a transmissão do ensino espiritual não depende apenas de palavras. É a vida, a iluminação, que conta.* Tais homens iluminados por Deus, no entanto, não podem ser facilmente encontrados; mas mesmo com tal mestre, o conhecimento do Ser não pode ser alcançado a menos que o coração do discípulo esteja aberto e pronto para a Verdade. Portanto, Yama diz que tanto o mestre quanto o discípulo devem ser maravilhosos.

VIII

Quando ensinado por um homem de entendimento inferior, este Ātman não pode ser verdadeiramente conhecido, mesmo que frequentemente pensado [meditado]. Não há modo (para conhecê-Lo) a menos que seja ensinado por outro (um mestre iluminado), pois é mais sutil do que o sutil e está além da argumentação.

IX

Ó Querido, este Ātman não pode ser alcançado por argumento; Ele é verdadeiramente conhecido apenas quando ensinado por outro (um mestre sábio). Ó Nachiketas, tu O alcançaste. Tu estás fixado na Verdade. Que possamos sempre encontrar um questionador como tu.

O conhecimento do Ātman ou Ser não pode ser alcançado quando é ensinado por aqueles que próprios carecem de verdadeira compreensão d'Ele; e que, portanto, não tendo convicção definida, discordam entre si sobre sua natureza e existência. Somente aquele que foi capaz de perceber o Ser diretamente, através do desenvolvimento de sua natureza superior, pode proclamar o que Ele realmente é; e suas palavras apenas carregam peso e trazem iluminação. É muito sutil para ser alcançado por argumentação. Este segredo sobre o Além não pode ser conhecido através do raciocínio ou meras ginásticas intelectuais. Ele só pode ser alcançado em um estado de consciência que transcende a linha limite da razão.

X

Eu sei que o tesouro (terreno) é transitório, pois o eterno nunca pode ser alcançado por coisas que são não-eternas. Portanto, o fogo (sacrifício) de Nachiketa foi realizado por mim com coisas perecíveis e ainda assim alcancei o eterno.

XI

Ó NACHIKETAS, tu viste o cumprimento de todos os desejos, a base do universo, o fruto infinito dos ritos sacrificiais, a outra margem onde não há medo, aquilo que é louvável, o grande e amplo suporte; ainda assim, sendo sábio, tu rejeitaste tudo com firme resolução.

O mestre, dizendo que o imperecível não pode ser alcançado pelo perecível, mostra que nenhuma quantidade de observância de rituais e cerimônias pode conquistar o imperecível e eterno. Embora o sacrifício do fogo de Nachiketa possa trazer resultados que parecem eternos para os mortais por causa de sua longa duração, ainda assim eles também devem chegar a um fim; portanto, este sacrifício não pode levar à meta final. Yama elogia Nachiketas porque, quando todos os prazeres celestiais e terrenos, bem como o conhecimento de todos os reinos e seus gozos, lhe foram oferecidos, ainda assim ele os descartou e permaneceu firme em seu desejo apenas pela Verdade.

XII

O sábio, que por meio da mais alta meditação no Ser conhece o Antigo, difícil de perceber, sentado no recesso mais íntimo, escondido na caverna do coração, habitando na profundidade do ser interior, (aquele que conhece Aquele Um) como Deus, é liberado das amarras da alegria e da tristeza.

XIII

Um mortal, tendo ouvido e plenamente compreendido isto, e tendo realizado através da discriminação o Ser sutil, rejubila-se, porque obteve aquilo que é a fonte de toda a alegria. Eu acho que a morada (da Verdade) está aberta para Nachiketas.

As Escrituras dão três estágios em toda realização espiritual. O aspirante deve primeiro ouvir sobre a Verdade de um mestre iluminado; em seguida, deve refletir sobre o que ouviu; então, pela prática constante da discriminação e meditação, ele a realiza; e com a realização vem a satisfação de todo desejo,

porque o une à fonte de tudo. Tendo contemplado isto, um homem aprende que todos os prazeres sensoriais são apenas reflexos fragmentários daquela única felicidade suprema, que pode ser encontrada apenas no verdadeiro Ser. Yama assegura a Nachiketas que não há dúvida de que ele realizará a Verdade, porque mostrou a mais alta discriminação, bem como firmeza de propósito.

XIV

NACHIKETAS disse: Aquilo que tu vês, que não é nem virtude nem vício, nem causa nem efeito, nem passado nem futuro (mas além destes), fale-me d'Aquilo.

XV

YAMA respondeu: Aquela meta que todos os Vedas glorificam, que todas as austeridades proclamam, desejando a qual (as pessoas) praticam *Brahmacharya* (uma vida de continência e serviço), aquela meta eu te digo brevemente — é *Aum*.

Que nome o homem pode dar a Deus? Como o Infinito pode ser limitado por qualquer palavra finita? Tudo o que a linguagem pode expressar deve ser finito, uma vez que ela própria é finita. No entanto, é muito difícil para os mortais pensar ou falar sobre qualquer coisa sem chamá-la por um nome definido. Sabendo disso, os Sábios deram ao Supremo o nome A-U-M, que se apresenta como a raiz de toda a linguagem. A primeira letra "A" é o som-mãe, sendo o som natural proferido por toda criatura quando a garganta é aberta, e nenhum som pode ser feito sem abrir a garganta. A última letra "M", falada fechando os lábios, termina toda articulação. À medida que se leva o som da garganta aos lábios, ele passa pelo som "U". Estes três sons, portanto, cobrem todo o campo de possível som articulado. Sua combinação é chamada de *Akshara* ou a palavra imperecível, o Som-Brahman ou a Palavra-Deus, porque é o nome mais universal que pode ser dado ao Supremo. Portanto, deve ser a palavra que estava "no princípio" e corresponde ao Logos da teologia cristã. É por causa do significado abrangente deste nome que ele é usado tão universalmente nas Escrituras Védicas para designar o Absoluto.

XVI

Esta Palavra é de fato Brahman. Esta Palavra é de fato o Supremo. Aquele que conhece esta Palavra obtém o que deseja.

XVII

Este é o melhor Suporte, Este é o mais elevado Suporte; aquele que conhece este Suporte é glorificado no mundo de Brahman.

Esta Palavra sagrada é o mais elevado símbolo do Absoluto. Aquele que, meditando sobre Ela, apreende Seu significado pleno, realiza a glória de Deus e de imediato tem todos os seus desejos satisfeitos, porque Deus é o cumprimento de todos os desejos.

XVIII

Este Ser nunca nasce, nem morre. Ele não surgiu de algo, nem algo surgiu d'Ele. Este Antigo é não-nascido, eterno, perpétuo. Ele não morre mesmo que o corpo seja morto.

XIX

Se o matador pensa que mata, ou se aquele que é morto pensa que está morto, ambos não sabem. Pois Ele nem mata nem é morto.

XX

O Ser é mais sutil do que o sutil, maior do que o grande; Ele habita no coração de cada ser vivo. Aquele que está livre do desejo e livre da aflição, com mente e sentidos tranquilos, contempla a glória do Ātman.

Embora este Ātman habite no coração de todo ser vivo, ainda assim Ele não é percebido pelos mortais comuns por causa de Sua sutileza. Ele não pode ser percebido pelos sentidos; uma visão espiritual mais refinada é necessária. O coração deve ser puro e libertado de todo desejo egoísta indigno; o pensamento deve estar recolhido de todos os objetos externos; mente e corpo devem estar sob controle; quando todo o ser assim se torna calmo e sereno, então é possível perceber aquele Ātman efulgente. Ele é mais sutil do que o sutil, porque Ele é a essência invisível de cada coisa; e Ele é maior do que o grande porque Ele é o poder ilimitado e sustentador de todo o universo; aquilo sobre o qual toda existência repousa.

XXI

Embora sentado, Ele viaja longe; embora deitado, Ele vai a toda parte. Quem mais, além de mim, é apto para conhecer aquele Deus, que é (ambos) alegre e sem alegria?

O Ser é onipresente, portanto, Ele é aquilo que permanece imóvel e aquilo que viaja, aquilo que é ativo e aquilo que é inativo. Ele é tanto estacionário quanto móvel, e é a base de todas as formas de existência; portanto, tudo o que existe no universo, seja alegria ou falta de alegria, prazer ou dor, deve brotar d'Ele. Quem é mais capaz de conhecer Deus do que eu mesmo, já que Ele reside em meu coração e é a própria essência de meu ser? Tal deve ser a atitude de quem está buscando.

XXII

O sábio que conhece o Ser, incorpóreo, sentado dentro de corpos perecíveis, grande e onipresente, não se aflige.

Quando um homem sábio, através da prática da discriminação, vê claramente a distinção entre corpo e Alma, ele sabe que seu verdadeiro Ser não é o corpo, embora habite no corpo. Assim, realizando a natureza indestrutível e onipresente de seu verdadeiro Ser, ele supera todo medo da morte ou da perda, e não é movido mesmo pela maior aflição.

XXIII

Este Ser não pode ser alcançado pelo estudo das Escrituras, nem pela percepção intelectual, nem pelo frequente ouvir (d'Ele); aquele a quem o Ser escolhe, por ele somente Ele é alcançado. A ele o Ser revela Sua verdadeira natureza.

Podemos imaginar que, com muito estudo, podemos descobrir Deus; mas apenas ouvir sobre uma coisa e obter uma compreensão intelectual dela não significa atingir o verdadeiro conhecimento dela. O conhecimento só vem através da percepção direta, e a percepção direta de Deus é possível apenas para aqueles que são puros de coração e espiritualmente despertos. Embora Ele seja igual para todos os seres e Sua misericórdia esteja sobre todos, ainda assim os impuros e de mentalidade mundana não recebem a bênção, porque não sabem como abrir seus corações para ela. Aquele que anseia por Deus, a ele o Senhor escolhe; porque somente a ele, o Senhor pode revelar Sua verdadeira natureza.

XXIV

Aquele que não se afastou da conduta má, cujos sentidos são descontrolados, que não é tranquilo, cuja mente não está em repouso, ele nunca pode atingir este Âtman, mesmo pelo conhecimento.

Yama, tendo primeiro descrito o que o Ātman é, agora nos diz como alcançá-Lo. Um homem deve tentar subjugar sua natureza inferior e ganhar controle sobre o corpo e sentidos. Ele deve conquistar os desejos egoístas impuros que agora perturbam a serenidade de sua mente, para que ela possa se tornar calma e em paz. Em outras palavras, ele deve viver a vida e desenvolver todas as qualidades espirituais para perceber o Ātman.

XXV

Quem, então, pode saber onde está este poderoso Ser? Ele (aquele Ser) para quem os *Brâmanes* e *Kshatriyas* são apenas alimento e a própria morte um condimento.

Este texto proclama a glória e majestade do Supremo. Os *Brâmanes* representam a força espiritual, os *Kshatriyas* a força física, ainda assim ambos são superados por Sua grandiosidade. A vida e a morte igualmente são alimento para Ele. Como a luz do grande sol engole todas as luzes menores do universo, similarmente todos os mundos se perdem no esplendor do Ser Eterno e Onipresente.

TERCEIRA PARTE

I

Há dois que desfrutam os frutos de suas boas ações no mundo, tendo entrado na caverna do coração, sentados (ali) no mais alto cume. Os conhecedores de Brahman os chamam sombra e luz. Assim também (são chamados) pelos chefes de família que realizam cinco sacrifícios de fogo ou três sacrifícios de fogo Nachiketa.

Aqui, os dois significam o Ser Superior e o ser inferior, habitando na caverna mais íntima do coração. Os Videntes da Verdade, bem como os chefes de família que seguem o caminho de rituais e formas externas com a esperança de desfrutar os frutos de suas boas ações, ambos proclamam que o Ser Superior é como uma luz e o ser inferior como uma sombra. Quando a Verdade brilha claramente no coração do conhecedor, então ele supera a aparente dualidade de sua natureza e se convence de que há apenas Um, e que todas as manifestações externas nada mais são do que reflexos ou projeções daquele Um.

II

Que possamos aprender aquele sacrifício de fogo [chamado] Nachiketa, que é uma ponte para aqueles que realizam sacrifício. Que também conheçamos aquele Um, que é o mais elevado Brahman imperecível para aqueles que desejam cruzar para a outra margem que está além do medo.

O significado deste texto é: Que possamos adquirir o conhecimento de Brahman, o Supremo, tanto na forma manifestada quanto na não-manifestada. Ele é manifestado como o Senhor do sacrifício para aqueles que seguem o caminho do ritual. Ele é o Ser Supremo não-manifestado, eterno e universal para aqueles que seguem o caminho da sabedoria. A “outra margem”, sendo o plano da imortalidade, é dito estar além do medo; porque a doença, a morte e tudo o que os mortais temem deixam de existir ali. Acredita-se por muitos que estes dois versos iniciais foram uma interpolação posterior.

III

Conheça o *Ātman* (Ser) como o senhor da carruagem, e o corpo como a carruagem. Conheça também o intelecto como o condutor e a mente como as rédeas.

IV

Os sentidos são chamados os cavalos; os objetos dos sentidos são as estradas; quando o *Ātman* está unido com corpo, sentidos e mente, então os sábios O chamam o desfrutador.

No terceiro capítulo, Yama define qual parte de nosso ser morre e qual parte é sem morte, o que é mortal e o que é imortal. Mas o *Ātman*, o Ser Superior, é tão inteiramente além da concepção humana que é impossível dar uma definição direta d’Ele. Apenas através de símiles alguma ideia d’Ele pode ser transmitida. Essa é a razão pela qual todos os grandes Mestres do mundo ensinaram tão frequentemente na forma de parábolas. Então, aqui, o Senhor da Morte representa o Ser como o senhor desta carruagem do corpo. O intelecto ou faculdade discriminativa é o condutor, que controla estes cavalos selvagens dos sentidos segurando firmemente as rédeas da mente. As estradas pelas quais estes cavalos viajam são compostas de todos os objetos externos que atraem ou repelem os sentidos: o sentido do olfato segue o caminho dos odores doces, o sentido da visão o caminho das belas vistas. Assim, cada sentido, a menos que seja restringido pela faculdade discriminativa, busca sair em direção a seus

objetos especiais. Quando o Ser está unido com o corpo, mente e sentidos, Ele é chamado o desfrutador inteligente; porque é Ele quem quer, sente, percebe e faz tudo.

V

Aquele que não tem discriminação e cuja mente está sempre descontrolada, seus sentidos são incontrolláveis, como os cavalos viciosos de um condutor.

VI

Mas aquele que está cheio de discriminação [ou discernimento] e cuja mente está sempre controlada, seus sentidos são controláveis, como os bons cavalos de um condutor.

O homem cujo intelecto não é discriminativo [sem discernimento] e que não consegue distinguir o certo do errado, o real do irreal, é levado por suas paixões e desejos sensoriais, assim como um condutor é levado por cavalos viciosos sobre os quais perdeu o controle. Mas aquele que distingue claramente o que é bom do que é meramente agradável, e controla todas as suas forças exteriores de correrem atrás de prazeres aparentes e momentâneos, seus sentidos obedecem e o servem como bons cavalos obedecem a seu condutor.

VII

Aquele que não possui discriminação, cuja mente é descontrolada e sempre impura, não alcança aquela meta, mas cai novamente no *Samsāra* (reino de nascimento e morte).

VIII

Mas aquele que possui a discriminação correta, cuja mente está sob controle e sempre pura, ele alcança aquela meta, da qual ele não nasce novamente.

IX

O homem que tem um intelecto discriminativo como condutor, e uma mente controlada como rédeas, alcança o fim da jornada, o lugar mais elevado de Vishnu (o Onipresente e Imutável).

Um condutor deve possuir primeiro um conhecimento completo da estrada; em seguida, deve entender como manusear as rédeas e controlar seus cavalos. Então ele dirigirá com segurança até seu destino. Similarmente, nesta jornada da vida, nossa mente e sentidos devem estar inteiramente sob o controle de nossa faculdade discriminativa superior; porque somente quando todas as nossas forças trabalham em uníssono podemos esperar alcançar o objetivo — a morada da Verdade Absoluta.

X

Além dos sentidos estão os objetos, além dos objetos está a mente, além da mente está o intelecto, além do intelecto está o grande *Ātman*.

XI

Além do grande *Ātman* está o Não-Manifestado; além do Não-Manifestado está o *Purusha* (a Alma Cósmica); além do *Purusha* não há nada. Esse é o fim, essa é a meta final.

Nestes dois versos, o Mestre mostra o processo de discriminação, pelo qual se alcança o conhecimento do sutil Ser. Começando com os órgãos dos sentidos, ele leva até o menos e menos grosseiro, até chegar ao que é mais sutil de todos, o verdadeiro Ser do homem. Os sentidos são dependentes dos objetos dos sentidos, porque sem estes os sentidos não teriam utilidade. Superior aos objetos dos sentidos é a mente, porque a menos que estes objetos afetem a mente, eles não podem influenciar os sentidos. Sobre a mente, a faculdade determinativa exerce poder; esta faculdade determinativa é governada pelo Ser individual; além deste Ser está a energia criativa indiferenciada conhecida como *Avyaktam*; e acima disso está o *Purusha* ou Ser Supremo. Acima disso não há nada mais elevado. Essa é a meta, a Suprema Morada da Paz e da Bem-aventurança.

XII

Este *Ātman* (Ser), oculto em todos os seres, não brilha; mas Ele é visto por videntes sutis através de entendimento aguçado e sutil.

Se Ele habita em todos os seres vivos, por que não O vemos? Porque a visão do homem comum é muito embotada e distraída. Ele é visível apenas para aqueles cujo intelecto foi purificado pelo pensamento constante no Supremo, e cuja visão, portanto, tornou-se refinada e aguçada. Esta aguda visão só vem quando todas as nossas forças foram focadas através da prática constante de concentração e meditação.

XIII

Um homem sábio deve controlar a fala pela mente, a mente pelo intelecto, o intelecto pelo grande *Ātman*, e aquele pelo Pacífico (o *Paramātmán* ou Ser Supremo).

Aqui, Yama dá o método prático a ser seguido se alguém deseja realizar o Supremo. A palavra 'fala' representa todos os sentidos. Primeiro, portanto, um homem deve controlar seus sentidos exteriores pela mente. Então a mente deve ser trazida sob o controle da faculdade discriminativa; isto é, ela deve ser retirada de todos os objetos dos sentidos e cessar de desperdiçar suas energias em coisas não essenciais. A faculdade discriminativa, por sua vez, deve ser controlada pela inteligência individual superior, e esta deve ser governada totalmente pela Suprema Inteligência.

XIV

Levanta-te! Desperta! Tendo alcançado os Grandes (Mestres iluminados), ganhe entendimento. O caminho é tão afiado quanto uma navalha, intransitável e difícil de percorrer, assim declaram os sábios.

Esta é a eterna chamada dos sábios: Desperte do sono da ignorância! Levante-se e procure aqueles que conhecem a Verdade, porque apenas aqueles que têm visão direta da Verdade são capazes de ensiná-La. Invoque sua bênção com um espírito humilde e busque ser instruído por eles. O caminho é muito difícil de trilhar. Nenhuma pessoa impensada ou letárgica pode viajar com segurança nele. Deve-se ser forte, vigilante e perseverante.

XV

Conhecendo Aquilo que é sem som, intangível, sem forma, imperecível; também sem sabor, sem odor e eterno; sem começo, sem fim e imutável; além do Não-Manifestado: (conhecendo Aquilo) o homem escapa das garras da morte.

O Governante da Morte define aqui a essência mais íntima de nosso ser. Por causa de sua extrema sutileza, ela não pode ser ouvida ou sentida ou cheirada ou saboreada como qualquer objeto comum. Ela nunca morre. Não tem começo ou fim. É imutável. Realizando essa Realidade Suprema, o homem escapa da morte e atinge a vida eterna. Assim, o Mestre conduziu gradualmente Nachiketas a um ponto onde pode revelar-lhe o segredo da morte. O garoto pensava que havia um

lugar onde ele poderia permanecer e se tornar imortal. Mas Yama mostra-lhe que a imortalidade é um estado de consciência e não é conquistada enquanto o homem se apega ao nome e à forma, ou a objetos perecíveis. O que morre? A forma. Portanto, o homem formal morre; mas não aquilo que habita dentro. Embora inconcebivelmente sutil, os Sábios sempre fizeram um esforço, através de símiles e analogias, para dar alguma ideia desse Ser interior ou de Deus interior. Eles O descreveram como além da mente e da fala; muito sutil para a percepção comum, mas não além do alcance da visão purificada.

XVI

O homem inteligente, que ouviu e repetiu a antiga história de Nachiketas, contada pelo Governante da Morte, é glorificado no mundo de Brahman.

XVII

Aquele que com devoção recita este mais elevado segredo da imortalidade diante de uma assembleia de *Brâmanes* (homens piedosos) ou no momento de *Shraddha* (cerimônias fúnebres), ganha recompensa eterna, ele ganha recompensa eterna.

QUARTA PARTE

I

O Autoexistente criou os sentidos voltados para fora; por esta razão, o homem vê o externo, mas não o *Ātman* (Ser) interior. No entanto, algum homem sábio, desejando imortalidade, com os olhos afastados (do externo) vê o *Ātman* interior.

No último capítulo, o Senhor da Morte instruiu Nachiketas sobre a natureza e glória do Ser. Agora ele mostra a razão pela qual o Ser não é visto pela maioria. É porque a mente do homem é constantemente atraída para fora através dos canais de seus sentidos, e isso impede que ele veja o Ser interior (*Pratyagātman*);

mas de vez em quando um buscador, mais sábio que outros, vai para o interior e alcança a visão do Ser imperecível.

II

As crianças (os ignorantes) perseguem prazeres externos; (assim) caem na ampla armadilha da morte. Mas os sábios, conhecendo a natureza da imortalidade, não buscam o permanente entre coisas fugazes.

Aqueles que são desprovidos de discriminação e não conseguem distinguir entre real e irreal, o fugaz e o permanente, colocam seus corações nas coisas mutáveis deste mundo; portanto, se enredam na rede do desejo insaciável, que leva inevitavelmente à decepção e ao sofrimento. Para estes, a morte deve parecer uma realidade; porque eles se identificam com aquilo que nasce e que morre. Mas os sábios, que veem mais profundamente na natureza das coisas, não são mais iludidos pelo encanto do mundo fenomenal e não buscam a felicidade permanente entre seus gozos passageiros.

III

Aquilo por meio do qual se conhece forma, sabor, cheiro, som, toque e gozos sensoriais, por Aquilo também se conhece tudo o que resta (para ser conhecido). Isto verdadeiramente é Aquilo (que tu perguntaste para conhecer).

IV

Aquilo por meio do qual um mortal percebe, tanto no sonho quanto no estado de vigília, ao conhecer aquele grande *Ātman* onipresente, o homem sábio não mais se entristece.

Nestes versos, o mestre tenta deixar claro que todo conhecimento, bem como toda percepção sensorial, em todos os estados de consciência — dormindo, sonhando ou acordado — é possível apenas porque o Ser existe. Não pode haver conhecimento ou percepção independentes do Ser. Homens sábios, cientes disso, identificam-se com seu Ser Superior e assim transcendem o reino da tristeza.

V

Aquele que conhece este *Ātman*, o comedor de mel (perceptor e desfrutador de objetos), sempre próximo, como o senhor do passado e do futuro, não teme mais. Isto verdadeiramente é Aquilo.

VI

Aquele que O vê sentado nos cinco elementos, nascido de *Tapas* (fogo de Brahman), nascido antes da água; que, tendo entrado na caverna do coração, ali permanece — isto verdadeiramente é Aquilo.

Este verso indica que Ele, o Grande Ser, é a causa de todos os objetos criados. De acordo com os *Vedas*, Sua primeira manifestação foi Brahmā, o Deus Pessoal ou Criador, nascido do fogo da sabedoria. Ele existia antes da evolução dos cinco elementos — terra, água, fogo, ar e éter; portanto, Ele “nasceu antes da água”. Ele é o Ser habitando nos corações de todas as criaturas.

VII

Aquele que conhece Aditi, que surge com *Prāna* (o Princípio Vital), existente em todos os *Devas*; que, tendo entrado no coração, ali permanece; e que nasceu dos elementos — isto verdadeiramente é Aquilo.

Este verso é um tanto obscuro e parece uma amplificação interpolada do verso anterior.

VIII

O fogo que tudo vê, que existe oculto nos dois gravetos, como o feto é bem guardado no útero pela mãe, (aquele fogo) deve ser adorado dia após dia por despertos buscadores (da sabedoria), bem como por sacrificadores. Isto verdadeiramente é Aquilo.

O fogo se diz ser aquele que tudo vê porque sua luz torna tudo visível. Nos sacrifícios védicos, o fogo do altar era sempre aceso esfregando-se juntos dois gravetos de um tipo especial de madeira chamada *Arani*. Como o fogo era considerado um dos símbolos mais perfeitos da sabedoria Divina, ele deveria ser adorado por todos os buscadores da Verdade, quer seguissem o caminho da meditação quer o caminho dos rituais.

IX

De onde o sol nasce, e para onde vai ao se pôr, sobre Aquilo todos os Devas dependem. Ninguém vai além d'Aquilo. Isto verdadeiramente é Aquilo.

X

O que está aqui (no mundo visível), isso está ali (no invisível); aquele que vê diferença (entre visível e invisível) vai de morte em morte.

XI

Pela mente somente isto deve ser realizado. Não há diferença alguma (entre visível e invisível). Aquele que vê diferença aqui (entre estes) vai de morte em morte.

À luz da verdadeira sabedoria, não há diferença entre o criador e o criado. Até mesmo a ciência física chegou a reconhecer que causa e efeito são apenas dois aspectos de uma manifestação de energia. Aquele que não vê isso, estando absorto apenas no visível, vai de morte em morte; porque ele se apega a formas externas que são perecíveis. Apenas a essência que habita no interior é imutável e imperecível. Este conhecimento da unidade do visível e invisível, no entanto, não pode ser adquirido através da percepção sensorial. Ele só pode ser alcançado pela mente purificada.

XII

O *Purusha* (Ser), do tamanho de um polegar, reside no meio do corpo como o senhor do passado e do futuro, (aquele que O conhece) não teme mais. Isto verdadeiramente é Aquilo.

A morada do *Purusha* se diz ser o coração, portanto Ele “reside no meio do corpo”. Embora Ele seja ilimitado e onipresente, ainda assim, em relação à Sua morada, Ele é representado como limitado em extensão, “do tamanho de um polegar”. Isso se refere realmente ao coração, que em forma pode ser comparado a um polegar. Como a luz está em toda parte, ainda assim a vemos focada em uma lâmpada e acreditamos que ela está apenas ali; similarmente, embora a corrente vital flua por toda parte no corpo, o coração é considerado peculiarmente seu assento.

XIII

Aquele *Purusha*, do tamanho de um polegar, é como uma luz sem fumaça, senhor do passado e do futuro. Ele é o mesmo hoje e amanhã. Isto verdadeiramente é Aquilo.

Neste verso, o mestre define a natureza efulgente da Alma, cuja luz é pura como uma chama sem fumaça. Ele também responde à pergunta feita por Nachiketas sobre o que acontece após a morte, declarando que nenhuma mudança real ocorre, porque a Alma é sempre a mesma.

XIV

Como a água da chuva (caindo) no topo da montanha corre pelas rochas em todos os lados; similarmente, aquele que vê diferença (entre formas visíveis) corre atrás delas em várias direções.

XV

Ó GAUTAMA (Nachiketas), como a água pura despejada na água pura se torna uma só, assim também é com o Ser de um Conhecedor iluminado (ele se torna um com o Supremo).

QUINTA PARTE

I

A cidade do Não-Nascido, cujo conhecimento é imutável, tem onze portões. Pensando n'Ele, o homem não mais se aflige; e sendo libertado (da ignorância), ele alcança a liberação. Isto verdadeiramente é Aquilo.

Este corpo humano é chamado uma cidade com onze portões, onde o Espírito eterno e não-nascido habita. Estes portões são os dois olhos, duas orelhas, duas narinas, a boca, o umbigo, as duas aberturas inferiores e a abertura imperceptível no topo da cabeça. O Ser ou *Ātman* ocupa a posição de governante nesta cidade,

e estando acima das modificações de nascimento, morte e todas as imperfeições humanas, Ele não é afetado pelas mudanças do organismo físico. À medida que o homem inteligente, através do pensamento e meditação constantes, realiza o esplendor deste Espírito Supremo, ele se liberta daquela parte de sua natureza que se aflige e sofre, e assim alcança a liberação.

II

Ele é o sol que habita no céu brilhante; Ele é o ar que habita no espaço; Ele é o fogo que queima no altar; Ele é o hóspede que habita na casa. Ele habita no homem. Ele habita naqueles maiores que o homem. Ele habita no sacrifício. Ele habita no éter. Ele é (tudo o que) nasce na água, (tudo o que) nasce na terra, (tudo o que) nasce no sacrifício, (tudo o que) nasce nas montanhas. Ele é o Verdadeiro e o Grande.

III

Ele é quem envia a força vital *Prāna* (inspirar) para cima e lança a respiração (expirar) para baixo. A Ele todos os sentidos adoram, o adorável *Ātman*, sentado no centro (o coração).

IV

Quando este *Ātman*, que está sentado no corpo, sai (do corpo), o que resta então? Isto verdadeiramente é Aquilo.

V

Nenhum mortal vive pela respiração de entrada (*Prāna*) ou pela respiração de saída (*Apāna*), mas ele vive por outro do qual estes dois dependem.

VI

Ó GAUTAMA (Nachiketas), declararei a ti o segredo do eterno Brahman e o que acontece com o Ser após a morte.

VII

Alguns *Jivas* (Almas individuais) entram em ventres para serem encarnados; outros vão para formas imóveis, de acordo com suas ações e conhecimento.

Este texto mostra a aplicação da lei de causa e efeito a todas as formas de vida. Os pensamentos e ações da vida presente determinam o futuro nascimento e ambiente.

VIII

O Ser que permanece acordado enquanto todos dormem, que concede todos os desejos, Aquilo é puro, Aquilo é Brahman, Aquilo apenas se diz ser imortal. Sobre Aquilo todos os mundos repousam. Ninguém vai além d'Aquilo. Isto verdadeiramente é Aquilo.

IX

Como o fogo, embora um, tendo entrado no mundo, torna-se variado de acordo com o que queima, assim o *Ātman* (Ser) dentro de todos os seres vivos, embora um, torna-se variado de acordo com o que entra. Ele também existe no exterior.

X

Como o ar, embora um, tendo entrado no mundo, torna-se variado de acordo com o que entra, assim o *Ātman* dentro de todos os seres vivos, embora um, torna-se variado de acordo com o que entra. Ele também existe no exterior.

Usando estes símiles do fogo e do ar, o mestre tenta mostrar a Nachiketas a qualidade sutil do grande Ser, que, embora uno e sem forma como o ar e o fogo, ainda assim assume diferentes formas de acordo com a forma na qual habita. Mas, sendo onipresente e ilimitado, Ele não pode ser confinado a essas formas; portanto, diz-se que Ele também existe fora de todas as formas.

XI

Como o sol, o olho de todo o mundo, não é manchado por impurezas externas vistas pelos olhos, assim o único Ser interior de todos os seres vivos não é manchado pela miséria do mundo, estando fora dele.

O sol é chamado o olho do mundo porque revela todos os objetos. Assim como o sol pode brilhar sobre o objeto mais impuro, ainda assim permanecer incontaminado por ele, assim o Ser Divino interior não é tocado pela impureza ou sofrimento da forma física na qual habita, o Ser estando além de todas as limitações corporais.

XII

Há um governante, o Ser de todos os seres vivos, que torna a única forma em múltipla; os sábios que O percebem sentado dentro de seu Ser, a eles pertence a bem-aventurança eterna, não aos outros.

XIII

Eterno entre os mutáveis, consciência do consciente, que, embora um, cumpre os desejos de muitos: os sábios que O percebem sentado dentro de seu Ser, a eles pertence a paz eterna, não aos outros.

XIV

Eles (os sábios) percebem aquela indescritível suprema bem-aventurança, dizendo: Isto é Aquilo. Como eu devo conhecê-La? Ela brilha (por Sua própria luz) ou brilha (por luz refletida)?

XV

O sol não brilha ali, nem a lua, nem as estrelas; nem estes relâmpagos brilham ali, muito menos este fogo. Quando Ele brilha, tudo brilha por Ele; por Sua luz tudo é iluminado.

SEXTA PARTE

I

Esta antiga árvore *Aswattha* tem sua raiz acima e ramos abaixo. Aquilo é puro, Aquilo é Brahman, Aquilo apenas é chamado o Imortal. Todos os mundos repousam n'Aquilo. Ninguém vai além d'Aquilo. Isto verdadeiramente é Aquilo.

Este verso indica a origem da árvore da criação (a *Samsāra-Vriksha*), que está enraizada acima em Brahman, o Supremo, e envia seus ramos para baixo no mundo fenomenal. Calor e frio, prazer e dor, nascimento e morte, e todas as condições mutáveis do reino mortal — estes são os ramos; mas a origem da árvore, o Brahman, é eternamente puro, imutável, livre e sem morte. Da mais elevada forma angélica ao átomo mais minúsculo, todas as coisas criadas têm sua origem n'Ele. Ele é a fundação do universo. Não há nada além d'Ele.

II

Tudo o que há no universo é evoluído do *Prāna* e vibra no *Prāna*. Aquilo é um poderoso terror, como um raio erguido. Aqueles que conhecem Aquilo tornam-se imortais.

III

Por medo d'Ele o fogo queima, por medo d'Ele o sol brilha. Por medo d'Ele *Indra* e *Vayu* e a Morte, o quinto, avançam rapidamente.

Assim como o corpo não pode viver ou agir sem a Alma, similarmente nada no mundo criado pode existir independentemente de Brahman, que é a base de toda existência. Sua posição é como a de um rei a quem todos devem obedecer; portanto, diz-se que os deuses do sol, lua, vento, chuva, cumprem Sua ordem. Ele é comparado a um raio erguido, por causa da natureza imparcial e inevitável de Sua lei, que todos os poderes, grandes ou pequenos, devem obedecer absolutamente.

IV

Se um homem não é capaz de conhecê-Lo antes da dissolução do corpo, então ele se torna encarnado novamente nos mundos criados.

Assim que um homem adquire conhecimento do Supremo, ele é liberado; mas se ele não consegue atingir tal conhecimento antes de sua Alma ser separada do corpo, então ele deve tomar outros corpos e retornar repetidamente a este reino de nascimento e morte, até que através de experiências variadas ele realize a natureza do Supremo e sua relação com Ele.

V

Como em um espelho, assim Ele é visto dentro de si mesmo; como em um sonho, assim (Ele é visto) no mundo dos pais (espíritos desencarnados); como na água, assim (Ele é visto) no mundo dos *Gandharvas* (o plano angélico). Como luz e sombra, assim (Ele é visto) no mundo de Brahmā (o Criador).

Quando, por meio de um entendimento purificado, se contempla Deus no interior, a imagem é distinta como em um espelho polido; mas não se pode ter visão clara do Supremo ao atingir os vários planos conhecidos como céus, onde se colhe o fruto de suas boas ações. É apenas desenvolvendo a consciência mais elevada aqui nesta vida que a perfeita visão de Deus pode ser alcançada.

VI

Sabendo que os sentidos são distintos (do *Ātman*) e seu surgir e desaparecer separados (do *Ātman*), um homem sábio não mais se entristece.

Um homem sábio nunca confunde o *Ātman*, que é não-nascido e sem morte, com aquilo que tem começo e fim. Portanto, quando ele vê seus sentidos e seu organismo físico crescendo e minguando, ele sabe que seu verdadeiro Ser dentro nunca pode ser afetado por essas mudanças externas, então ele permanece inalterado.

VII

Acima dos sentidos está a mente, acima da mente está o intelecto, acima do intelecto está o grande *Ātman*, acima do *Ātman* está o Não-Manifestado.

VIII

Além do Não-Manifestado está o Ser onipresente e imperceptível (*Purusha*). Conhecendo-O, o mortal é liberado e atinge a imortalidade.

Esta divisão do indivíduo em sentidos, mente, intelecto, autoconsciência, energia criadora indiferenciada e o Ser Absoluto é explicada no comentário do verso XI, Terceira Parte.

IX

Sua forma não é para ser vista. Ninguém pode vê-Lo com o olho. Ele é percebido pelo coração, pelo intelecto e pela mente. Aqueles que sabem disso tornam-se imortais.

O Supremo, sendo sem forma, não pode ser discernido pelos sentidos; portanto, todo conhecimento d'Ele deve ser adquirido pelas faculdades mais sutis do coração, intelecto e mente, que são desenvolvidas apenas através da prática purificadora da meditação.

X

Quando os cinco órgãos de percepção se aquietam, juntamente com a mente, e o intelecto cessa de ser ativo: isso é chamado o estado mais elevado.

O mestre agora mostra a Nachiketas o processo pelo qual a visão transcendental pode ser alcançada. Os sentidos exteriores — visão, audição, olfato, tato, paladar; a mente inquieta e o intelecto: todos devem ser interiorizados e aquietados. O estado de equilíbrio assim alcançado é chamado o estado mais elevado, porque todas as forças do ser se tornam unidas e focadas; e isso leva inevitavelmente à visão suprasensorial.

XI

Esta firme contenção dos sentidos é o que é conhecido como Yoga. Então deve-se tornar-se vigilante, pois o Yoga vem e vai.

Yoga significa literalmente juntar ou unir o ser inferior com o Ser Superior, o objeto com o sujeito, o adorador com Deus. Para alcançar essa união, no entanto, deve-se primeiro desunir-se de tudo o que dispersa as forças físicas, mentais e intelectuais; portanto, as percepções exteriores devem ser desligadas do mundo externo e interiorizadas. Quando isso é realizado através da prática constante de concentração e meditação, a união ocorre por si mesma. Mas ela pode ser perdida novamente, a menos que se esteja vigilante.

XII

Ele não pode ser alcançado pela fala, pela mente ou pelo olho. Como Aquilo pode ser realizado, exceto por aquele que diz “Ele é”?

XIII

Ele deve ser realizado como “Ele é” e também como a realidade de ambos (visível e invisível). Aquele que O conhece como “Ele é”, apenas a ele Sua verdadeira natureza é revelada.

Esta visão suprassensorial não pode ser obtida através das faculdades comuns do homem. Pela mente, olho ou fala, os atributos manifestados do Divino podem ser apreendidos; mas apenas aquele que adquiriu a visão suprassensorial pode perceber diretamente a existência de Deus e declarar definitivamente que “Ele é”, que Ele só existe tanto no mundo visível quanto no invisível.

XIV

Quando todos os desejos que habitam no coração cessam, então o mortal se torna imortal e alcança Brahman aqui.

XV

Quando todos os laços do coração são cortados aqui, então o mortal se torna imortal. Tal é o ensinamento.

XVI

Há cento e um nervos do coração. Um deles penetra o centro da cabeça. Indo para cima através dele, se atinge a imortalidade. Os outros (cem correntes nervosas) levam, ao partir, para diferentes mundos.

O sistema nervoso do corpo fornece os canais através dos quais a mente viaja; a direção na qual ela se move é determinada por seus desejos e tendências. Quando a mente se torna pura e sem desejos, ela toma a corrente ascendente e, no momento da partida, passa pela abertura imperceptível no topo da cabeça; mas enquanto ela permanece cheia de desejos, seu curso é descendente em direção aos planos onde esses desejos podem ser satisfeitos.

XVII

O *Purusha*, o Ser interior, do tamanho de um polegar, está sempre sentado no coração de todos os seres vivos. Com perseverança, o homem deve retirá-Lo de seu corpo como se retira o miolo de uma

folha de grama. Deve-se conhecê-Lo como puro e imortal, como puro e imortal.

Como foi explicado na Quarta Parte, verso XII, o Ser interior, embora ilimitado, é descrito como “do tamanho de um polegar” por causa de sua morada no coração, frequentemente comparada a um botão de lótus que é semelhante a um polegar em tamanho e forma. Através do processo de discriminação constante, deve-se aprender a diferenciar a Alma do corpo, assim como se separa a medula de um junco.

XVIII

Assim Nachiketas, tendo adquirido esta sabedoria ensinada pelo Governante da Morte, juntamente com todas as regras do Yoga, tornou-se livre da impureza e da morte e alcançou Brahman (o Supremo). Assim também será com outro que igualmente conheça a natureza do Ser.

CANTO DE PAZ

Que Ele (o Ser Supremo) nos proteja a ambos. Que Ele se agrade conosco. Que adquiramos força. Que nosso estudo nos traga iluminação. Que não haja inimizade entre nós.

OM! PAZ! PAZ! PAZ!

Aqui termina este Upanishad



KENA-UPANISHAD

Como o Isāvāsya, este Upanishad deriva seu nome da palavra inicial do texto, Kena-ishitam, “por quem dirigido”. É também conhecido como o

Talavākāra-Upanishad por causa de seu lugar como um capítulo no Talavakāra-Brāhmaṇa do Sāma-Veda.

Entre os Upanishads, é um dos mais analíticos e metafísicos, seu propósito sendo conduzir a mente do grosseiro ao sutil, do efeito à causa. Por uma série de questões e respostas profundas, busca localizar a fonte do ser do homem; e expandir sua autoconsciência até que se torne idêntica à Consciência de Deus.

OM! PAZ! PAZ! PAZ!

CANTO DE PAZ

Que meus membros, fala, *Prāna* (força vital), visão, audição, força e todos os meus sentidos ganhem vigor. Tudo é Brahman (Senhor Supremo) dos *Upanishads*. Que eu nunca negue Brahman. Que Brahman nunca me negue. Que não haja negação de Brahman. Que não haja separação de Brahman. Que todas as virtudes declaradas nos sagrados *Upanishads* se manifestem em mim, que sou devotado ao *Ātman* (Ser Superior). Que elas se manifestem em mim.

PRIMEIRA PARTE

I

Comandada e dirigida por quem, a mente vai em direção a seus objetos? Comandada por quem a força vital, a primeira (causa), se move? Por vontade de quem os homens proferem a fala? Que poder dirige o olho e o ouvido?

Assim o discípulo se aproximou do Mestre e perguntou sobre a causa da vida e da atividade humana. Tendo um sincero anseio pela Verdade, ele desejava saber quem realmente vê e ouve, quem atua no homem físico aparente. Ele percebia ao seu redor o mundo fenomênico, cuja existência ele podia provar por seus sentidos; mas ele buscava conhecer o mundo causal invisível, do qual agora estava apenas vagamente consciente. A mente é onipresente e todo-poderosa, ou é impelida por alguma outra força, ele perguntou. Quem envia a energia vital, sem a qual nada pode existir? O mestre responde:

II

Ele é o ouvido do ouvido, a mente da mente, a fala da fala, a vida da vida, o olho do olho. Os sábios, libertos (dos sentidos e dos desejos mortais), após deixarem este mundo, tornam-se imortais.

Um homem comum ouve, vê, pensa, mas está satisfeito em saber apenas o que pode ser conhecido através dos sentidos; ele não analisa e tenta encontrar aquilo que está por trás do ouvido ou do olho ou da mente. Ele está completamente identificado com sua natureza externa. Sua concepção não vai além do pequeno círculo de sua vida corporal, que diz respeito apenas ao homem exterior. Ele não tem consciência daquilo que permite que seus sentidos e órgãos realizem suas tarefas.

Há uma vasta diferença entre a forma manifestada e Aquilo que é manifestado através da forma. Quando conhecemos Aquilo, não morreremos com o corpo. Aquele que se apega aos sentidos e a coisas efêmeras deve morrer muitas mortes; mas aquele homem que conhece o olho do olho, a orelha da orelha, tendo se separado de sua natureza física, torna-se imortal. A imortalidade é alcançada quando o homem transcende sua natureza aparente e encontra aquela essência sutil, eterna e inexaurível que está dentro dele.

III

Ali o olho não vai, nem a fala, nem a mente. Não conhecemos Aquilo; não entendemos como Ele pode ser ensinado. Ele é distinto do conhecido e também está além do desconhecido. Assim ouvimos dos antigos (mestres) que nos contaram sobre Ele.

Estes olhos físicos são incapazes de perceber aquela essência sutil. Nem pode ser expressa por linguagem finita ou conhecida por inteligência finita, porque é infinita. Nossa concepção de conhecer coisas finitas é conhecer seu nome e forma; mas o conhecimento de Deus deve ser distinto de tal conhecimento. É por isso que alguns declaram que Deus é desconhecido e incognoscível; porque Ele é muito mais do que o olho ou mente ou fala podem perceber, compreender ou expressar. O *Upanishad* não diz que Ele não pode ser conhecido. Ele é incognoscível para a natureza finita do homem. Como um mortal finito pode compreender o Todo Infinito? Mas Ele pode ser conhecido pela natureza divina do homem.

IV

Aquilo que a fala não ilumina, mas que ilumina a fala: conheça Aquilo apenas como Brahman (o Ser Supremo), não isto que as pessoas adoram aqui.

V

Aquilo que não pode ser pensado pela mente, mas pelo qual, dizem, a mente é capaz de pensar: conheça apenas Aquilo como Brahman, não isto que as pessoas adoram aqui.

VI

Aquilo que não é visto pelo olho, mas pelo qual o olho é capaz de ver: conheça Aquilo apenas como Brahman, não isto que as pessoas adoram aqui.

VII

Aquilo que não pode ser escutado pelo ouvido, mas pelo qual o ouvido é capaz de escutar: conheça Aquilo apenas como Brahman, não isto que as pessoas adoram aqui.

VIII

Aquilo que ninguém respira com a respiração, mas pelo qual a respiração ocorre: conheça Aquilo apenas como Brahman, não isto que as pessoas adoram aqui.

Normalmente, conhecemos apenas três estados de consciência — vigília, [sono com] sonhos e sono [profundo]. Há, no entanto, um quarto estado, o superconsciente, que transcende estes. Nos primeiros três estados, a mente não é clara o suficiente para nos salvar do erro; mas no quarto estado, ela ganha tal pureza de visão que pode perceber o Divino. Se Deus pudesse ser conhecido pela mente e sentidos limitados, então o conhecimento de Deus seria como qualquer outro conhecimento e a ciência espiritual como qualquer ciência física. Ele só pode ser conhecido, no entanto, pela mente purificada. Portanto, para conhecer Deus, o homem deve se purificar. A mente descrita nos *Upanishads* é a mente superconsciente. De acordo com os Sábios Védicos, a mente em seu estado comum é apenas outro órgão dos sentidos. Esta mente é limitada, mas quando se torna iluminada pela luz da Inteligência Cósmica, ou a “mente da mente”, então ela é capaz de apreender a Primeira Causa ou Aquilo que está por trás de todas as atividades externas.

SEGUNDA PARTE

I

Se pensas “Eu conheço bem”, então é certo que conheces muito pouco de Brahman (Verdade Absoluta), ou em que forma Ele (reside) nos Devas (aspectos menores da Divindade). Portanto, penso que aquilo que pensas ser conhecido ainda deve ser buscado.

Tendo dado a definição do verdadeiro Ser ou Brahman, pelo qual os mortais são capazes de ver, ouvir, sentir e pensar, o mestre temeu que o discípulo, após apenas ouvir sobre Ele, pudesse concluir que O conhecia. Então ele disse a ele: “Você ouviu sobre Ele, mas isso não é suficiente. Você deve experimentá-Lo. O mero reconhecimento intelectual não lhe dará o verdadeiro conhecimento d’Ele. Nem Ele pode ser ensinado a você. O mestre pode apenas mostrar o caminho. Você deve encontrá-Lo por si mesmo.”

Conhecimento significa união entre sujeito e objeto. *Para obter essa união, deve-se praticar; a teoria não pode nos ajudar.* O capítulo anterior mostrou que o conhecimento de Brahman está além da percepção sensorial: “Ali o olho não chega, nem a fala, nem a mente.” “Ele é distinto do conhecido e também está além do desconhecido.” Portanto, foi necessário que o mestre lembrasse ao discípulo que o conhecimento baseado na percepção sensorial ou apreensão intelectual não deve ser confundido com o conhecimento suprasensorial. Embora o discípulo tivesse ouvido o mestre com mente inquestionável e estivesse intelectualmente convencido da verdade de suas palavras, agora era necessário que ele provasse por sua própria experiência o que tinha ouvido. Guiado pelo mestre, ele buscou dentro de si através da meditação o significado de Brahman; e tendo obtido uma nova visão, ele se aproximou do mestre mais uma vez.

II

O discípulo disse: Não penso que O conheço bem, nem penso que não O conheço. Aquele entre nós que O conhece verdadeiramente, sabe (o que significa) “eu conheço” e também o que significa “eu não O conheço”.

Isso parece contraditório, mas não é. No capítulo anterior, aprendemos que Brahman é “distinto do conhecido” e “além do desconhecido”. O discípulo, percebendo isso, diz: “No que diz respeito à concepção mortal, não penso que conheço, porque entendo que Ele está além da mente e da fala; ainda assim, do

ponto de vista superior, não posso dizer que não conheço; pois o próprio fato de eu existir, de poder buscá-Lo, mostra que conheço; porque Ele é a fonte do meu ser. No entanto, não conheço no sentido de conhecer todo o Oceano Infinito da existência.” A palavra conhecimento é usada normalmente para significar familiaridade com fenômenos apenas, mas o homem deve transcender esse conhecimento relativo antes de poder ter uma concepção clara de Deus. Aquele que deseja alcançar a consciência da Alma deve se elevar acima da matéria.

A observação da ciência material, confinada ao plano sensorial, ignora o que está além. Portanto, ela deve sempre ser limitada e sujeita à mudança. Ela descobriu os átomos, depois foi mais longe e descobriu os elétrons, e quando encontrou um, teve que abandonar o outro; portanto, esse tipo de conhecimento nunca pode levar ao conhecimento último do Infinito, porque é exclusivo e não inclusivo. A ciência espiritual não é meramente uma questão de mente e cérebro, ela depende do despertar de nossa consciência superior latente.

III

Aquele que pensa que não O conhece, conhece-O. Aquele que pensa que O conhece, não O conhece. Os verdadeiros conhecedores pensam que nunca podem conhecê-Lo (por causa de Sua infinitude), enquanto os ignorantes pensam que O conhecem.

Por este texto, o mestre confirma a ideia de que Brahman é impensável, porque é incondicionado. Portanto, ele diz: Aquele que O considera além do pensamento, além da percepção sensorial, além da mente e da fala, ele apenas tem uma verdadeira compreensão de Brahman. Aqueles que julgam um ser vivo por sua forma externa e faculdades sensoriais, não o conhecem; porque o verdadeiro Ser do homem não é manifestado em seu ver, ouvir, falar. Seu verdadeiro Ser é aquilo dentro dele pelo qual ele ouve e fala e vê. Da mesma forma, não conhece Brahman aquele que pensa que O conhece por nome e forma. O homem arrogante e tolo pensa que conhece tudo; mas o verdadeiro conhecedor é humilde. Ele diz: “Como posso conhecê-Lo, que és Infinito e além da mente e da fala?” Na última parte do texto, o mestre traça um contraste impressionante entre a atitude do homem sábio que conhece, mas pensa que não conhece; e a do ignorante que não conhece, mas pensa que conhece.

IV

Ele (Brahman) é conhecido, quando é conhecido em todos estados de consciência. (Através de tal conhecimento) se atinge a imortalidade. Ao atingir este Ser, o homem ganha força; e pelo autoconhecimento a imortalidade é alcançada.

Aprendemos do texto anterior que Brahman é desconhecido para aqueles cujo conhecimento é limitado à experiência sensorial; mas Ele não é desconhecido para aqueles cuja inteligência purificada O percebe como a base de todos os estados de consciência e a essência de todas as coisas. Por este conhecimento superior, um homem atinge a imortalidade, porque ele sabe que, embora seu corpo possa decair e morrer, a essência sutil de seu ser permanece intocada. Tal pessoa também adquire força ilimitada, porque se identifica com a Fonte última. A força que vem do próprio músculo e cérebro ou do próprio poder individual deve ser limitada e mortal e, portanto, não pode elevar alguém além da morte; mas através da força que *Atma-gnana* ou autoconhecimento dá, a imortalidade é alcançada. Sempre que o conhecimento é baseado na percepção direta desta essência imperecível, se transcende todo medo da morte e se torna imortal.

V

Se alguém O conhece aqui, isso é a Verdade; se alguém não O conhece aqui, então grande é sua perda. Os sábios, vendo o mesmo Ser em todos os seres, sendo liberados deste mundo, tornam-se imortais.

TERCEIRA PARTE

I

Brahman uma vez ganhou uma vitória para os Devas. Através daquela vitória de Brahman, os Devas ficaram exultantes. Eles pensaram: “Esta vitória é nossa. Esta glória é nossa.”

Brahman aqui não significa uma Divindade pessoal. Há um Brahmā, a primeira pessoa da Trindade Hindu; mas Brahman é o Absoluto, o Um sem um segundo, a essência de todos. Há diferentes nomes e formas que representam certos aspectos pessoais da Divindade, como Brahmā o Criador, Vishnu o Preservador e Shiva o Transformador; mas nenhum deles pode representar plenamente o Todo. Brahman é o vasto oceano do ser, sobre o qual surgem incontáveis ondulações e ondas de manifestação. Da menor forma atômica a um Deva ou anjo, todos brotam daquele oceano ilimitado de Brahman, a Fonte inexaurível da vida. Nenhuma forma manifestada de vida pode ser independente de sua fonte, assim como nenhuma onda, por mais poderosa, pode ser independente do oceano. Nada se move sem aquele Poder. Ele é o único Agente. Mas os Devas pensaram: “Esta vitória é nossa, esta glória é nossa.”

II

Brahman percebeu isso e apareceu diante deles. Eles não sabiam que forma misteriosa era aquela.

III

Eles disseram ao Fogo: “Ó *Jātaveda* (Todo-conhecedor)! Descubra que espírito misterioso é este.” Ele disse: “Sim.”

IV

Ele correu em Sua direção e Ele (Brahman) disse a ele: “Quem és tu?” “Eu sou *Agni*, eu sou *Jātaveda*”, ele (o deus do Fogo) respondeu.

V

Brahman perguntou: “Que poder reside em ti?” *Agni* respondeu: “Posso queimar tudo o que existe na terra.”

VI

Brahman colocou uma palha diante dele e disse: “Queime isto.” Ele (*Agni*) correu em direção a ele com toda a velocidade, mas não foi capaz de queimá-lo. Então ele retornou de lá e disse (aos Devas): “Não fui capaz de descobrir o que é este grande mistério.”

VII

Então disseram a *Vayu* (o deus do Ar): “*Vayu*! Descobre o que é este mistério.” Ele disse: “Sim.”

VIII

Ele correu em Sua direção e Ele (Brahman) disse a ele: “Quem és tu?” “Eu sou *Vayu*, eu sou *Mātariśvan* (viajante do Céu)”, ele (*Vayu*) disse.

IX

Então Brahman disse: “Que poder está em ti?” *Vayu* respondeu: “Posso soprar para longe tudo o que existe na terra.”

X

Brahman colocou uma palha diante dele e disse: “Sobre isto para longe.” Ele (*Vayu*) correu em direção a ele com toda a velocidade, mas não foi capaz de soprá-lo para longe. Então ele retornou de lá e disse (aos Devas): “Não fui capaz de descobrir o que é este grande mistério.”

XI

Então disseram a Indra: “Ó *Maghavan* (Adorável ser)! Descubra o que é este mistério.” Ele disse: “Sim”; e correu em Sua direção, mas Ele desapareceu diante dele.

XII

Então ele viu naquele mesmo espaço uma mulher lindamente adornada, *Umā* de cor dourada, filha de *Haimavat* (Himalaia). Ele perguntou: “O que é este grande mistério?”

Aqui vemos como o Absoluto assume forma concreta para dar conhecimento de Si mesmo ao buscador sincero. Brahman, o mistério impenetrável, desapareceu e em Seu lugar apareceu uma forma pessoal para representá-Lo. Esta é uma forma sutil de mostrar a diferença entre o Absoluto e os aspectos pessoais da Divindade. O Absoluto é declarado incognoscível e impensável, mas Ele assume aspectos pessoais divinizados para Se fazer conhecido a Seus devotos. Assim, *Umā*, filha do Himalaia, representa aquele aspecto pessoal como a filha do Ser Infinito; enquanto o Himalaia permanece como símbolo do Eterno, Imutável.

QUARTA PARTE

I

Ela (*Umā*) disse: “É Brahman. É através da vitória de Brahman que vós sois vitoriosos.” Então, de suas palavras, ele (*Indra*) soube que (aquela forma misteriosa) era Brahman.

Umā respondeu a *Indra*: “É a Brahman que vós deveis vossa vitória. É através de Seu poder que vós viveis e agis. Ele é o agente e vós sois todos apenas instrumentos em Suas mãos. Portanto, vossa ideia de que ‘Esta vitória é nossa, esta glória é nossa’ baseia-se na ignorância.” Imediatamente, *Indra* viu o erro deles. Os Devas, inchados de vaidade, haviam pensado que eles mesmos haviam alcançado a vitória, porém era Brahman; pois nem mesmo uma folha de grama pode se mover sem Seu comando.

II

Portanto, estes Devas — *Agni*, *Vayu* e *Indra* — se destacam de outros Devas, porque eles se aproximaram mais de Brahman. Foram eles que primeiro conheceram este espírito como Brahman.

III

Portanto, *Indra* se destaca de todos os outros Devas, porque ele se aproximou mais de Brahman, e porque ele primeiro (antes de todos os outros) conheceu este espírito como Brahman.

Agni, *Vayu* e *Indra* eram superiores aos outros Devas porque obtiveram uma visão mais próxima; e eles foram capazes de fazer isso porque eram mais puros; enquanto *Indra* se apresenta como o chefe dos Devas, porque ele realizou a Verdade diretamente, ele alcançou Brahman. O significado disso é que, quem quer que entre em contato direto com Brahman ou o Supremo é glorificado.

IV

Assim o ensinamento sobre Brahman é aqui ilustrado em relação aos Devas. Ele brilhou como um relâmpago, e apareceu e desapareceu assim como o olho pisca.

O ensinamento com relação aos Devas foi que Brahman é o único Agente. Ele havia aparecido diante deles em uma forma misteriosa; mas a totalidade do insondável Brahman não podia ser vista em nenhuma forma definida; então, no momento de desaparecer, Ele manifestou mais de Sua imensurável glória e rapidez de ação por um súbito e deslumbrante clarão de luz.

V

Em seguida (o ensinamento) é sobre *Adhyātman* (a Alma encarnada). A mente parece aproximar-se d'Ele (Brahman). Por esta mente (o buscador) repetidas vezes recorda e pensa sobre Brahman.

Apenas pela mente o buscador do conhecimento pode se aproximar de Brahman, cuja natureza em glória e rapidez foi descrita como semelhante a um clarão de relâmpago. Só a mente pode imaginar o indescritível Brahman; e só a mente, sendo rápida em sua natureza, pode segui-Lo. É através da ajuda desta mente que podemos pensar e meditar sobre Brahman; e quando, pelo pensamento constante n'Ele, a mente se torna purificada, então, como um espelho polido, ela pode refletir Sua Glória Divina.

VI

Aquele Brahman é chamado *Tadvanam* (objeto de adoração). Ele deve ser adorado pelo nome *Tadvanam*. Aquele que conhece Brahman assim, é amado por todos os seres.

Brahman é o objeto de adoração e a meta de todos os seres. Por esta razão, Ele deve ser adorado e meditado como *Tadvanam*. Quem quer que O conheça neste aspecto torna-se um com Ele, e serve como um canal claro através do qual as bênçãos de Brahman fluem para outros. O conhecedor de Deus compartilha de todas as Suas qualidades amáveis e é, portanto, amado por todos os verdadeiros devotos.

VII

O discípulo perguntou: Ó Mestre, ensina-me o *Upanishad*. (O mestre respondeu:) O *Upanishad* foi ensinado a ti. Nós certamente te ensinamos o *Upanishad* sobre Brahman.

VIII

O *Upanishad* é baseado em *tapas* (prática do controle do corpo, mente e sentidos), *dama* (subjugação dos sentidos), *karma* (realização correta das ações prescritas). Os Vedas são seus membros. A Verdade é seu suporte.

IX

Aquele que conhece isto (a sabedoria do *Upanishad*), tendo sido limpo de todo pecado, torna-se estabelecido na bem-aventurada, eterna e suprema morada de Brahman, na suprema morada de Brahman.

Aqui termina este Upanishad.

Este *Upanishad* é chamado *Kena*, porque começa com a pergunta: “Por quem” (*Kena*) desejado ou dirigido a mente vai em direção ao seu objeto? De quem vem a vida? O que capacita o homem a falar, ouvir e ver? E o mestre, em resposta, lhe dá a definição de Brahman, a Fonte e Base da existência. O espírito dos *Upanishads* é sempre mostrar que, não importa para onde olhemos ou o que vejamos ou sintamos no mundo visível, tudo procede de uma única Fonte.

A nota predominante de todo ensinamento védico é esta: Um Todo tremendo tornando-se o mundo, e novamente o mundo fundindo-se naquele Todo. Ele também se esforça de várias maneiras para definir aquela Fonte, conhecendo a qual tudo mais é conhecido e sem a qual nenhum conhecimento pode ser bem estabelecido. Então, aqui, o mestre responde: Aquilo que é o olho do olho, o ouvido do ouvido, isso é o rio inexaurível do ser que flui eternamente; enquanto bolhas da criação surgem na superfície, vivem por um tempo e depois estouram.

O mestre, no entanto, adverte o discípulo que este olho, ouvido, mente, nunca podem percebê-LO; pois Ele é aquilo que ilumina a fala e a mente, que capacita o olho e o ouvido e todas as faculdades sensoriais a realizarem suas tarefas. “Isso é distinto do conhecido e também está além do desconhecido.” Aquele que pensa que O conhece, não O conhece; porque Ele nunca é conhecido por aqueles que acreditam que pode ser apreendido pelo intelecto ou pelos sentidos; mas pode ser conhecido por aquele que O conhece como a base de toda consciência.

O conhecedor da Verdade diz: “Eu não O conheço”, porque ele percebe a natureza ilimitada, infinita do Supremo. “Tu és isto (o visível), Tu és Aquilo (o invisível), e Tu és tudo o que está além”, ele declara. A ideia comum de conhecimento é aquela baseada em percepções sensoriais; mas o conhecimento de um Sábio iluminado não se confina a seus sentidos. Ele tem todo o conhecimento que vem dos sentidos e todo aquele que vem do Espírito.

O propósito especial deste *Upanishad* é nos dar o conhecimento do Real, para que não caiamos sob o domínio do ego, identificando-nos com nosso corpo, mente e sentidos. Os mortais se tornam mortais porque caem sob o domínio do ego e dependem de sua própria força física e mental limitada. A lição da parábola dos Devas e Brahman é que não há poder real, nenhum agente real, exceto Deus. Ele é o olho do olho, o ouvido do ouvido; e olhos, ouvidos e todas as nossas faculdades não têm poder independente d’Ele. Quando assim O percebemos como a Realidade subjacente de nosso ser, transcendemos a morte e nos tornamos imortais.

OM! PAZ! PAZ! PAZ!



MUNDAKA-UPANISHAD

PREFÁCIO

À medida que a presente edição dos Upanishads sai para atender à necessidade de estudantes aspirantes e pensadores no campo da filosofia, oferecemos uma palavra de explicação. A primeira e segunda edições deste livro continham a tradução de três *Upanishads*, a saber, *Isa*, *Katha* e *Kena*, às quais agora adicionamos um quarto chamado *Mundaka*.

O tradutor, Swami Paramananda, dotado de um raro dom de penetração, interpretou o texto sânscrito em linguagem clara e simples. Admiradores de seu primeiro volume solicitaram que ele traduzisse outros Upanishads em sua maneira característica, fiel ao original tanto em espírito quanto em forma poética. O Swami foi capaz de cumprir este desejo em parte. Em 1920, ele traduziu o *Mundaka-Upanishad*, que foi publicado na revista mensal da Vedanta, “*Message of the East*”. Múltiplas atividades impediram a continuação da tarefa.

O Swami escreveu uma breve introdução para os *Upanishads Isa*, *Katha* e *Kena*, mas *Mundaka* foi publicado sem seu prefácio habitual. Sabendo muito bem que um comentário explicativo é necessário para responder a algumas das questões que invariavelmente surgem na mente do leitor, tomei a liberdade de escrever um.

Há mais de uma década, tive o grande privilégio de estudar os *Upanishads* no sânscrito original sob Swami Paramananda. Ele, como o verdadeiro mestre iluminado, transmitiu-me a essência desses ensinamentos elevados de uma maneira conhecida pelos iniciados da terra onde os Livros da Floresta nasceram. A experiência foi mais do que aprender o texto ou seu significado. Foi participar da luz que flui da mente do mestre para a de um discípulo aspirante.

Este foi o início de uma nova era em minha própria vida, pois logo depois recebi minha ordenação e permissão para expor a Vedanta da plataforma do Swami. As primeiras aulas sobre o tema dos Upanishads foram realizadas ao ar livre no *Ananda Ashrama*, Califórnia. Minha primeira palestra foi sobre “Exaltação dos Upanishads”.

Através de uma longa e próxima associação com alguém que era verdadeiramente sábio; cuja sabedoria era apenas um manto para sua realização interior; que tornou viva a letra das Escrituras por seu exemplo, agora ousou esperar que algum dia eu possa ser usada para completar o trabalho que ele havia começado. Como sua aluna e seguidora, humildemente oro para que, através de Sua graça, que faz “o mudo falar e o aleijado atravessar a montanha”, eu possa provar ser digna desta tarefa.

Gayatri Devi

Fevereiro de 1941

Boston, Massachusetts

O Mundaka-Upanishad faz parte do Atharva-Veda. Ele foi chamado de Mantra-Upanishad por ser composto de versos na forma de Mantras ou cantos de oração. Comentadores observam que esses Mantras não são para o propósito de adoração cerimonial, como os do Karma-Kanda ou porção sacrificial dos Vedas.

Este Upanishad dá ênfase particular aos meios de atingir Brahma-Vidyā ou conhecimento do Absoluto. A pergunta é feita: “O que é aquilo, Senhor, conhecendo o qual tudo mais se torna conhecido?” O sábio respondeu que, para adquirir a Sabedoria Suprema, deve-se transcender a vaidade do conhecimento inferior. A Sabedoria Suprema não pode ser atingida pelo estudo superficial das Escrituras, nem pela observância de ritos religiosos, nem por boas obras. Ela só pode ser realizada pelo homem de meditação – aquele que foi purificado através da prática da discriminação e renúncia.

É difícil traçar o significado do título “Mundaka”. A tradução literal da palavra é “cabeça raspada”. Isso pode implicar que o autor do livro era um Rishi ou vidente com cabeça raspada, ou pode indicar que o próprio Upanishad é despojado de todos os não essenciais, como a mente iluminada por Brahma-Vidyā.

CANTO DE PAZ

OM! Que possamos ouvir com nossos ouvidos aquilo que é benéfico, ó Devas! Que possamos contemplar com nossos olhos aquilo que é benéfico! Com um corpo forte, bem equilibrado e um coração adorador, que desfrutemos a vida e realizemos ações que agradem à Divindade.

OM! PAZ! PAZ! PAZ!

PRIMEIRO MUNDAKA

PRIMEIRA PARTE

I

OM! Brahmā foi o primeiro dos Devas, o Criador do universo, o Protetor do mundo. Ele ensinou a Seu filho mais velho, Atharva, o conhecimento de Brahman (o Supremo), que é a base de todo conhecimento.

A palavra Om, frequentemente encontrada no início do estudo védico, é usada no sentido de “Glória a Ti” ou “Adoração ao Supremo”. Brahmā é o aspecto pessoal da Divindade, em contraste com Brahman, o Absoluto. Ele representa o poder criativo do universo. É considerado o mais importante de todos os vários aspectos da Divindade conhecidos como *Devas*. Os *Devas* (deuses) nas Escrituras Védicas são Seres Brilhantes, cada um manifestando alguma qualidade Divina especial e ocupando algum cargo especial na criação. Eles correspondem aos anjos e arcanjos das Escrituras Semíticas.

II

Este conhecimento de Brahman que Brahmā ensinou a Atharva, Atharva ensinou primeiro a Angir; Angir o ensinou a Satyavaha Bharadwaja; e Bharadwaja o ensinou, em devida sucessão, ao sábio Angiras.

III

Shaunaka, o grande chefe de família, tendo se aproximado do sábio Angiras com humildade adequada, perguntou-lhe: O que é aquilo, ó *Bhagavan* (Mestre reverenciado), conhecendo o qual tudo mais se torna conhecido?

Era costume na antiga Índia que um aluno, quando buscava instrução de um sábio sagrado, se aproximasse dele carregando nos braços um feixe de lenha para o fogo do altar. Essa braçada de lenha sacrificial, chamada em sânscrito *Samit-pani*, tornou-se o símbolo do discipulado, representando um desejo de servir mesmo na mais humilde capacidade. Aqueles antigos mestres não davam seu conhecimento por uma certa taxa, como é feito na instituição educacional moderna. Eles eram totalmente independentes. Eles não buscavam alunos. Pelo contrário, eles eram muito cuidadosos com quem ensinavam. O aluno era obrigado a provar seu mérito pela humildade, seriedade e serviço paciente.

IV

O Sábio disse a ele: Há dois tipos de conhecimento a serem conhecidos, assim nos dizem os conhecedores de Brahman — conhecimento superior e conhecimento inferior.

V

O conhecimento inferior consiste do *Rig-Veda*, *Yajur-Veda*, *Sama-Veda*, *Atharva-Veda*, fonética, cerimonial, gramática, etimologia, métrica, astronomia. O conhecimento superior é aquele pelo qual o Imperecível é conhecido.

Os *Upanishads* fazem uma clara distinção entre conhecimento secular (*Aparā*) e conhecimento nascido da visão direta (*Parā*). O conhecimento secular ou inferior não apenas inclui astronomia, cerimonial, retórica e todos os ramos do estudo intelectual, mas até mesmo o estudo das Escrituras Sagradas. Qualquer conhecimento que é adquirido através do estudo é classificado como conhecimento inferior, porque meramente ler ou ouvir sobre a Verdade não é conhecer a Verdade. Os sábios *Aryan* não descreditavam do estudo de livros, mas reconheciam que o conhecimento teórico deve sempre ser inferior ao conhecimento baseado na experiência direta.

VI

Aquilo que não pode ser visto, que não pode ser apreendido, que não tem origem nem atributos, nem olhos nem ouvidos, nem mãos nem pés; Aquilo que é eterno, diversamente manifestado, onipresente, extremamente sutil; aquele Imperecível, os sábios consideram como a Fonte de todas as coisas criadas.

Parā-Vidyā ou conhecimento superior é aquele que não pode ser percebido pelos sentidos ou por nossas faculdades ordinárias. Ele surge na alma somente quando sentidos, mente e intelecto se tornam pacificados e cheios de serenidade. Não alcançamos a realização última até que tenhamos subjugado a turbulência e a inquietação de nossa mente. Atualmente, a maior parte de nosso esforço para o conhecimento é físico. Desejamos ver com nossos olhos, agarrar com nossas mãos; mas por esses canais só podemos obter conhecimento objetivo; enquanto o conhecimento de Deus é subjetivo. Isso é evidente pela definição do Supremo dada aqui. Ele é incondicionado e além do alcance de nossos sentidos físicos, nossa mente e intelecto. Para percebê-Lo, devemos cultivar outro estado de consciência, o que é feito através da prática da meditação.

VII

Assim como a aranha emite e retrai (seu fio), assim como as ervas brotam da terra, assim como os cabelos crescem no corpo vivo, assim também o universo emana do Imperecível.

VIII

Através de *Tapas*, Brahman se expande; disso, o alimento é produzido; do alimento vêm o Prāna (energia), mente, os elementos, os mundos, boas ações e seu fruto imortal.

IX

Daquele Um que tudo percebe e que tudo conhece, cujo *Tapas* consiste de sabedoria, nascem Brahmā (o Criador), nome, forma e alimento.

Tapas significa disciplina espiritual, conhecida de várias formas como penitência, austeridade, etc. A palavra *Tapa* significa literalmente calor e é empregada neste caso porque a prática espiritual supostamente age no sistema como fogo, consumindo todas as impurezas. Esta interpretação, no entanto, não pode ser aplicada ao presente texto, pois é evidente que Brahman, o Senhor Supremo, não precisa de purificação. Ela é usada aqui para significar o fogo da sabedoria, que, como todo fogo, se expande. Deste fogo de sabedoria, ardendo

na mente de Brahman, emanam, primeiro, o poder criativo, e daí todas as formas de manifestação material.

SEGUNDA PARTE

I

Esta é a Verdade: os ritos sacrificiais que os sábios encontraram nos hinos são descritos de várias maneiras nos três Vedas. Cumpra-os fielmente, ó vós que buscais a Verdade; este é o caminho que conduz ao mundo das boas ações.

Este capítulo trata com mais detalhes do conhecimento inferior (*Aparā Vidyā*), que, de acordo com o capítulo anterior, inclui todas as formas de estudo intelectual, cerimonial, ritual, etc. O ensino védico é dividido em duas partes distintas. Uma, chamada *Gñāna-Kānda*, trata das fases mais sutis da filosofia espiritual; a outra, chamada *Karma-Kānda*, mostra àqueles que ainda se apegam às coisas mundanas como, pela realização de certos ritos e sacrifícios, eles podem alcançar o cumprimento de seus desejos. O fogo do altar desempenha um papel importante nesses sacrifícios, porque o fogo é considerado um dos símbolos mais verdadeiros da Divindade. Ele consome todas as impurezas sem ser contaminado. Tem também um significado mais profundo. O verdadeiro fogo que todo adorador deve acender é o fogo da sabedoria, sobre o qual toda manhã, meio-dia e noite ele deve derramar a oblação de seus pensamentos, palavras e ações. Este conhecimento inferior é descrito longamente para deixar claro ao discípulo a natureza perecível dos frutos de todo sacrifício. Também para testar se sua mente está inteiramente livre do desejo por recompensas terrenas e pronta para o conhecimento superior.

II

Quando o fogo sacrificial é aceso e as chamas se erguem, que o homem ofereça suas oblações devotamente por entre as chamas.

III

Se o sacrifício do fogo (*Agnihotra*) não é realizado na lua nova e na lua cheia, durante a estação outonal e no tempo da colheita, e não é atendido por convidados, ou é sem oferendas, ou é sem o sacrifício

Vaiswadeva, ou é oferecido contrariamente às injunções das Escrituras, ele destruirá os sete mundos do sacrificador.

Certos tempos e condições, determinados pela posição das estrelas, planetas ou satélites, pela estação, pelas circunstâncias presentes, eram considerados particularmente auspiciosos para a realização do sacrifício. Se estes não fossem observados, então o sacrifício era considerado estéril e o sacrificador perdia todos os benefícios a serem derivados nos sete mundos de seu sacrifício. Os sete mundos representam os graus crescentes de prazer celestial. Encontramos a mesma ideia na expressão ocidental “sétimo céu”.

IV

Kali (escura), *Karali* (terrível), *Manojava* (rápida como o pensamento), *Sulohita* (muito vermelha), *Sudhumravarna* (roxo profundo), *Sphulingini* (faiscante), *Viswaruchi* (luz universal) são as sete línguas flamejantes do fogo.

V

Se um homem realiza seu sacrifício na estação adequada e derrama suas oblações sobre as chamas brilhantes, essas oblações, como os raios do sol, conduzem-no aonde habita o Senhor Supremo do sacrifício.

VI

Vinde aqui! Vinde aqui! as brilhantes oblações dizem ao sacrificador e o carregam pelos raios do sol; enquanto com palavras agradáveis o elogiam, dizendo: Este é o mundo celestial de Brahmā (*Svarga*) que tu ganhaste com tuas boas ações.

VII

Mas todos esses sacrifícios (realizados por) dezoito são inferiores e efêmeros. Os ignorantes que os consideram como o bem mais elevado e se deleitam neles, repetidamente caem sob o domínio da velhice e da morte.

Nos sacrifícios, supunha-se que dezesseis sacerdotes participassem, juntamente com o sacrificador e sua esposa, totalizando os dezoito mencionados

no verso. De acordo com as injunções védicas, nenhum sacrifício de chefe de família era frutífero a menos que sua esposa participasse com ele.

VIII

Os tolos, permanecendo na ignorância, ainda assim imaginando-se sábios e eruditos, andam em círculos por caminhos tortuosos, afligidos por muitos problemas, como cegos guiados por cegos.

Este mesmo verso aparece com uma ligeira variação no *Katha-Upanishad* (Parte II, Verso V) e é completamente comentado lá. Aqui, ele procura enfatizar o perigo da mera sabedoria intelectual, que, alimentando o orgulho de um homem, leva-o a acreditar que é capaz de guiar outros, mesmo em assuntos espirituais, embora ele mesmo seja desprovido de compreensão espiritual. Ele deseja ser um líder, mas nos Vedas é insistentemente ensinado que ninguém, exceto o homem de direta visão, deve se aventurar a liderar outros.

IX

Crianças (os não despertados), de muitas maneiras diferentes dominadas pela ignorância, imaginam que alcançaram seus objetivos. Esses executores de Karma (sacrifício), por causa de seu apego aos frutos (de seu sacrifício), após um gozo temporário de sua recompensa celestial, caem novamente na miséria.

X

Considerando sacrifício e boas obras como o objetivo mais elevado, esses homens ignorantes não conhecem a meta superior; e após terem desfrutado dos prazeres celestiais conquistados por suas boas ações, eles retornam a este mundo ou caem em um inferior.

Aqueles cuja esfera de visão é totalmente limitada a este plano acreditam que, quando alcançaram um certo sucesso no mundo, ganharam tudo o que há para ser ganho; e eles se prendem com sua própria vaidade e egoísmo. Mesmo quando os grandes Salvadores vêm e se esforçam para despertá-los, eles ainda se apegam teimosamente a seu próprio ponto de vista. Vemos isso na vida de Jesus Cristo. Os eruditos, aqueles que conheciam a letra da lei e se consideravam sábios, foram os últimos a aceitar Sua mensagem. Tudo o que um homem ganha por ações finitas, por mais boas que sejam, não pode ser permanente; portanto, todo prazer celestial deve chegar ao fim e ele deve retornar mais uma vez ao plano de luta e disciplina.

XI

Mas aqueles homens sábios de coração tranquilo, que praticam *Shraddha* (fé) e *Tapasya* (austeridade) na floresta, vivendo de esmolas, livres de todas as impurezas, viajam pelo caminho do sol para onde o Ser imortal e imperecível habita.

XII

Que um *Brāhmaṇa* (buscador de Deus), após ter examinado todos esses mundos alcançados através de *Karma-Marga* (sacrifícios e boas ações), torne-se livre de todos os desejos; realizando que o Eterno não pode ser alcançado pelo não-eterno. Para adquirir conhecimento (do Eterno), que ele então, com lenha sacrificial na mão, se aproxime de um Guru (mestre espiritual) que seja versado nos Vedas (Escrituras) e que esteja estabelecido em Brahman (o Supremo).

XIII

Para ele que assim se aproximou reverentemente, cujo coração está tranquilizado e cujos sentidos estão sob controle, que o sábio Guru ensine o conhecimento real de Brahman, pelo qual o Ser verdadeiro e imortal é conhecido.

SEGUNDO MUNDAKA

PRIMEIRA PARTE

I

Esta é a verdade. Assim como do fogo flamejante irrompem milhares de faíscas semelhantes ao fogo, assim também, jovem gentil, os vários seres brotam do Imperecível e para lá retornam novamente.

Todas as coisas têm sua origem no Supremo, e o objetivo último de toda vida e esforço é ser reunido com a Fonte. O jogo da manifestação pode parecer bloquear a consciência do vínculo subjacente entre o humano e o Divino, mas mais cedo ou mais tarde todas as almas devem recuperar essa consciência.

II

Aquele Ser efulgente é sem forma; Ele existe por dentro e por fora; Ele é não-nascido; sem respiração e sem mente; puro, mais elevado do que o Supremo Imperecível.

Aqui é dada a definição do Absoluto, o Incondicionado, conhecido na terminologia védica como *Nirguna-Brahman*. O Absoluto não pode ser criado, portanto Ele deve ser sem forma; porque Ele é infinito, onipresente, portanto Ele deve estar dentro e fora de todas as coisas. Pela mesma razão, Ele não respira, nem precisa do instrumento da mente para pensar. O Supremo Imperecível aqui se refere à Energia Criativa, o que é conhecido como *Saguna-Brahman*, ou seja, Brahman com atributos, ou o Deus pessoal; enquanto *Nirguna-Brahman* significa Brahman sem atributos.

III

D'Ele nascem o *Prāna* (força vital), mente, todos os órgãos dos sentidos, éter, ar, fogo, água e a terra, suporte de tudo.

IV

O fogo é Sua cabeça, sol e lua são Seus olhos, os quatro quadrantes são Seus ouvidos, os Vedas revelados são Suas palavras, Sua respiração é o ar, Seu coração é o universo, e de Seus pés surgiu a terra. Ele é o Ser interior de todos os seres vivos.

V

D'Ele vem o fogo, cujo combustível é o sol; da lua vêm as nuvens (chuva); da terra vêm todas as ervas; o macho coloca a semente na fêmea, assim muitos seres nascem do *Purusha* (o Grande Ser).

VI

D'Ele vêm o *Rik*, *Sāman* e *Yajur* (Vedas), os ritos de iniciação, todas as formas de sacrifício, cerimoniais especiais, presentes sacrificiais (aos sacerdotes), a estação designada (para sacrifício), o sacrificador, e todos os mundos que a lua santifica e o sol ilumina.

VII

D'Ele são os vários Devas nascidos, os *Sādhyas* (espíritos), homens, bestas, pássaros, a respiração ascendente e descendente, milho e cevada, austeridade, fé, verdade, continência e injunção (das Escrituras).

VIII

D'Ele nascem os sete *Prānas* (sentidos), as sete luzes (da percepção sensorial), os sete combustíveis (objetos da percepção), as sete oblações (atos de percepção sensorial), e os sete *Lokas* (assentos) onde os sentidos se movem; sete em cada ser vivo, residindo no coração.

IX

D'Ele nascem todos os oceanos, montanhas e diversos rios. D'Ele vêm todas as ervas e sucos, pelos quais o ser interior subsiste, juntamente com os elementos grosseiros.

X

Aquele Ser apenas é tudo isto — sacrifício e austeridade. Tudo é Brahman, o Supremo e Imortal. Aquele que conhece este (Ser) habitando na caverna do coração, ó jovem gentil, corta aqui mesmo o nó da ignorância.

Nestes versos, nos é dada uma imagem da criação cósmica surgindo de Brahman, o Supremo. A primeira manifestação é o Fogo (*Agni*), o doador de luz e calor. O calor traz à vida; a chuva caindo sobre a terra faz a vegetação brotar, assim o alimento é produzido; do alimento vem a energia procriadora. Todos os aspectos do ser — deuses, espíritos, homens e bestas — estão diretamente conectados com Ele. As Escrituras e todos os ritos e cerimônias brotaram d'Ele. Toda forma tem sua origem n'Ele.

Os sete sentidos mencionados no Verso VIII são os dois olhos, dois ouvidos, duas narinas e a boca. Os sete *lokas* ou assentos representam as avenidas

da percepção sensorial. O ser interior no Verso IX significa o corpo sutil composto pela mente (*manas*), intelecto (*buddhi*) e ego (*ahamkāra*). Aquele que realiza a Causa da Criação, onipresente e eterna, como residindo em seu próprio coração, a Vida de sua vida, atinge a iluminação mesmo aqui neste corpo.

SEGUNDA PARTE

I

Brilhante, bem assentado no coração, movendo-se no coração, está o Grande Ser, o Suporte de todos. N'Ele tudo está fixado, tudo o que se move, respira e pisca. Conheça-O, que é tanto ser quanto não-ser, que está além do alcance da compreensão humana, o Supremo e o mais adorável.

O Senhor Supremo habita em cada coração e d'Ele somente brota toda atividade. Nada pode existir separado d'Ele. N'Ele todo o universo está centrado. Ele é tanto com forma quanto sem forma. Ele está presente em todas as formas que vemos, ainda assim não podemos colocar nossas mãos em qualquer forma e dizer: "Isto é Deus." Ele é tanto pessoal quanto impessoal. Ele é o manifestado e o não-manifestado (ser e não-ser). Ele é a meta final de todo esforço.

II

Aquilo que é efulgente, mais sutil do que o mais sutil, sobre o qual todos os mundos e aqueles que neles habitam repousam, aquilo é o Brahman imperecível; aquilo é *Prāṇa* (respiração), aquilo é a fala e a mente. Aquilo é o verdadeiro, aquilo é o Imortal. Aquele alvo deve ser atingido. Atinge-o, ó jovem gentil!

III

Tendo tomado o *Upanishad*, a grande arma, como o arco; e tendo fixado nele a flecha, afiada pela devoção constante; então, tendo-a puxado com a mente fixa no Supremo, atinge aquela marca — o Imperecível, ó jovem gentil!

IV

A palavra sagrada Om é o arco, o *Ātman* (Ser) é a flecha, Brahman (o Supremo) se diz ser o alvo. Aquele alvo deve ser atingido por aquele que é vigilante e autocontrolado. Então, assim como a flecha se torna uma com o alvo, assim ele se tornará um com o Supremo.

Temos aqui uma imagem poética e arcaica do processo de realização do Supremo. O estudo dos Upanishads é abstrato. Eles tratam do Infinito. Mas os sábios que dão o ensino contido neles tentam, por símiles, relacionar essas verdades abstratas com nossa vida aqui. O objetivo de todo nosso esforço é o Absoluto e Eterno: o estudo cuidadoso das Escrituras, a prática constante da meditação e a devoção incansável servem como os meios pelos quais o alcançamos.

No próximo verso, o mestre o torna ainda mais definido. Om, o Logos ou Palavra que estava no princípio, é tomado como o arco, a alma do homem é a flecha e o Infinito é o alvo. Para atingir o alvo, a mente deve estar totalmente concentrada. Uma ilustração disso é dada no *Mahabharata*. Arjuna e seus parentes, conta-se, foram chamados para uma competição de arco e flecha. O alvo era o olho de um peixe erguido em um poste alto. Seu mestre perguntou a cada um por sua vez: “O que você vê?” Todos descreveram o peixe inteiro. Mas quando Arjuna foi perguntado, ele respondeu: “Vejo apenas o olho do peixe”; e ele apenas o atingiu. Se nossa mente está dividida ou dispersa, não podemos meditar; e sem o poder da meditação, não podemos obter a percepção direta do Imperecível. Quando obtemos essa percepção, o que acontece? Tornamo-nos um com o Supremo. O conhecedor de Deus participa de Sua natureza.

V

N’Ele estão fixados o céu, a terra, o firmamento e a mente com todos os sentidos. Conheça-O como o Ser de tudo, e abandone todas as palavras vãs. Ele é a ponte para a imortalidade.

Não pode haver forma de vida manifestada separada d’Ele. Quando entendemos isso e O realizamos como a essência de nosso ser, perdemos o apego a coisas mortais e cessamos de colocar tanta ênfase no conhecimento inferior. ‘Palavras vãs’ aqui significa especulação teórica, conhecimento de livros, tudo, de fato, que alimenta nosso egoísmo ou orgulho e não leva à Verdade última. Assim, o conhecimento de Deus serve como a ponte sobre a qual cruzamos do mortal para o imortal.

VI

Onde os nervos do corpo se encontram como os raios no cubo de uma roda, aqui o *Ātman* habita, diversamente manifestado. Medite sobre aquele *Ātman* como Om. Que não haja obstáculo em tua travessia para o outro lado da escuridão!

A sede deste Princípio Divino em nós é o coração. Este Princípio interior ou Alma é em Si mesmo imutável, mas Ele parece assumir as modificações da mente, como alegria, tristeza, raiva, ciúme, ódio, amor, etc. Assim, Ele se manifesta diversamente. Como Om é o Nome último do Supremo e *Ātman* é idêntico ao Supremo, meditando em Om como o *Ātman*, direcionamos nossos pensamentos ao supremo e passamos além da escuridão da ignorância.

VII

Aquele que tudo conhece e tudo percebe, a Quem pertence toda a glória do universo, aquele Ser habita na cidade celestial de Brahman (o coração).

VIII

Ele assume a forma da mente e torna-se o governante do corpo e dos sentidos. Estando no coração, Ele sustenta o corpo pelo alimento. Os sábios, que realizam isso, contemplam-No brilhando, imortal e cheio de bem-aventurança.

IX

Quando Ele é visto, Aquele que é tanto alto quanto baixo, os grilhões do coração são quebrados, todas as dúvidas são cortadas, e todo Karma (escavidão do trabalho) é destruído.

Quando a visão d'Ele, que é tudo o que existe, alto ou baixo, sutil ou grosseiro, vasto ou pequeno, surge dentro de nós, o coração é imediatamente libertado dos grilhões do apego, egoísmo e toda forma de egoísmo; todas as perplexidades e dúvidas da mente são esclarecidas. Isso não acontece quando ganhamos conhecimento intelectual apenas. Quanto mais lemos e analisamos, mais confusa e emaranhada a mente se torna. Mas quando contemplamos Deus diretamente, imediatamente toda a escuridão da dúvida desaparece na glória de Sua luz autoefulgente, como a noite se vai quando a manhã chega. Aquela claridade ninguém pode definir. Enquanto precisarmos de alguém para provar a Verdade para nós, não a encontramos. Mas quando Sua luz brilha em nosso

coração, a Verdade torna-se autoevidente. Sem essa luz, o mundo exterior sempre estará cheio de sombras para nós; mas quando essa luz é encontrada, todo o universo brilha com seu esplendor. Então, todas as correntes do Karma — passado, presente e futuro — são despedaçadas, e a alma desfruta de liberdade perfeita.

X

Aquele Brahman indivisível e imaculado, puro, Luz de todas as luzes, habita na mais íntimo envoltório dourado (o centro do coração). Assim O conhecem os conhecedores do Ser.

XI

O sol não brilha ali, nem a lua, nem as estrelas, nem estes relâmpagos brilham ali, muito menos este fogo. Quando Ele brilha, tudo brilha por Ele; por Sua luz tudo é iluminado.

Este mesmo verso também aparece no *Katha-Upanishad*, Parte V, v. 15.

XII

Aquele Brahman imortal está adiante, aquele Brahman está atrás, aquele Brahman está à direita e à esquerda; aquele Brahman se estende acima e abaixo. O Supremo Brahman apenas é todo o Universo.

TERCEIRO MUNDAKA

PRIMEIRA PARTE

I

Dois companheiros inseparáveis de plumagem dourada pousam na mesma árvore. Um deles come o fruto agradável (da árvore), o outro observa como uma testemunha sem comer.

II

Na mesma árvore (da vida) o homem se senta, afogado na aflição, dominado por sua própria impotência. Mas quando ele contempla o outro, o Senhor, majestoso e cheio de glória, então sua tristeza passa.

Os dois pássaros representam o Ser Superior e o ser inferior. O ser inferior está absorto em saborear os frutos doces e amargos desta vida e imagina que não pode escapar das reações causadas por eles. Quando, no entanto, em sua luta, ele olha para aquele outro Ser transcendente e percebe o quão parecidos são, ele realiza sua verdadeira natureza. O *Jīva* ou alma individual é meramente o reflexo do *Paramātmān* ou Alma Suprema. O homem aparente tem sua raiz no homem real. Assim que realizamos isso, os dois se tornam um. É o senso de ego em nós que divide e separa; e sempre que nos separamos de nossa parte Divina, sentimos uma falta. Quando, no entanto, descobrimos nossa relação com a Fonte inexaurível, todos os nossos apetites egoístas que agora nos impulsionam de galho em galho da árvore da vida desaparecerão e nenhuma causa para tristeza permanecerá.

III

Quando o sol percebe Aquele Ser de esplendor dourado, o Criador, o Senhor, a Fonte de Brahman (poder criativo), então aquele conhecedor, tendo lançado fora todo pecado e mérito, e sendo imaculado, atinge a mais elevada unidade (com o Supremo).

Na concepção indo-aryan, assim como o pecado é uma corrente de ferro, o mérito pode ser uma corrente de ouro, que nos prende através da retidão própria e do amor ao nome e fama. Para obter a união última, deve-se transcender a consciência tanto do pecado quanto do mérito.

IV

Ele é o *Prāna* (força vital) animando todos os seres vivos. Aquele que conhece isso torna-se verdadeiramente sábio e não meramente alguém que fala. Ele se deleita no Ser (*Ātman*), ele encontra sua mais elevada felicidade no Ser, e ele é um verdadeiro cumpridor do dever. Verdadeiramente, ele é o principal dos conhecedores de Brahman (o Supremo).

Quando um homem contempla Deus, ele ganha verdadeira sabedoria e não mais encontra satisfação em discussões e especulações vãs. Sua alegria e recreação são encontradas no Infinito. Porque sua mente e vontade estão completamente unificadas com a mente e vontade cósmicas, ele cumpre a lei espontaneamente e, portanto, nunca falha em seu dever.

V

Este Ser puro e efulgente, que habita dentro do corpo e é realizado por *Sannyāsins* sem pecado (os consagrados espiritualmente), pode ser atingido pela veracidade, autodomínio, verdadeiro conhecimento e a prática constante da castidade.

VI

Apenas a Verdade conquista, não a falsidade. Pela Verdade, o caminho espiritual é ampliado, aquele caminho pelo qual os Videntes, que estão livres de todos os desejos, viajam para a suprema morada da Verdade.

VII

Aquilo brilha, imensurável, divino e inconcebível, mais sutil do que o mais sutil, mais distante do que o distante, mesmo assim aqui (no corpo). Residindo na caverna do coração, assim Ele é visto pelos verdadeiros Videntes [Sábios].

VIII

Ele não é percebido pelo olho, nem pela fala, nem pelos outros sentidos, nem por austeridades, nem por *Karma* (sacrifício e boas ações); quando a mente está purificada pela luz serena do conhecimento, apenas então o Vidente percebe o indivisível Brahman por meio da meditação.

IX

Este sutil Ser deve ser realizado por um coração puro, como sentado ali onde o *Prāna* (força vital) entrou em forma quintupla. A mente de

toda criatura está entrelaçada com os sentidos. Quando está purificada, então o Ser brilha por si mesmo.

As cinco diferentes formas pelas quais a energia vital se manifesta no corpo são *Prāna*, *Apāna*, *Samāna*, *Vyāna* e *Udāna*. Elas representam a inspiração, expiração, equalização da respiração, circulação da respiração e respiração ascendente. Por estas várias ações da energia vital, diferentes correntes nervosas são controladas. Isto foi de forma elaborada trabalhado no sistema de Yoga indiano. *Prāna* governa a respiração; *Apāna*, os órgãos de excreção; *Samāna*, a digestão; *Vyāna*, as correntes nervosas gerais do corpo; e *Udāna*, a fala. Os sentidos também são frequentemente mencionados nos *Upanishads* como *Prānas*, porque são as avenidas através das quais a energia vital conecta o mundo exterior com o interior. As impressões sensoriais obtidas por esses canais colore todas as nossas atividades mentais; e somente quando a mente está libertada dessas impressões encobridoras é que a alma pode manifestar sua verdadeira natureza.

X

Quaisquer mundos que o homem de mente purificada cobiçar, e quaisquer objetos que ele desejar, ele obtém aqueles mundos e aqueles objetos. Portanto, que o homem que anseia por seu bem-estar espiritual adore aquele que conhece o Ser.

Quando a mente de um homem está purificada, ele realiza sua unidade com a vida e vontade cósmica e desejará apenas o que está em harmonia com a vontade cósmica; portanto, seus desejos se cumprem pelo curso natural da lei. A pureza da mente é mais rapidamente alcançada “adorando”, isto é, reverenciando e servindo aqueles que possuem o conhecimento superior.

TERCEIRO MUNDAKA

SEGUNDA PARTE

I

Ele (o Vidente da Verdade) conhece a mais elevada morada de Brahman, na qual todo este universo repousa e que brilha com puro esplendor. Homens que discernem, sem desejo, ao servirem reverentemente tal conhecedor (do Ser) vão além da semente.

O Vidente que realizou o Supremo e se uniu à Fonte do conhecimento torna-se um elo de ligação entre Deus e o adorador. Qualquer homenagem ou reverência prestada a ele, ele não toma para si. Sendo inteiramente livre de egoísmo e autoimportância, ele oferece tudo a Deus. Aqueles que procuram e servem tal alma iluminada gradualmente participam de sua sabedoria e passam além da necessidade de nascimento e morte. Todo desejo é uma semente da qual brotam nascimento, morte e todas as aflições mortais. Somente a iluminação destruirá esta semente.

II

Aquele que medita sobre objetos de desejo e os cobiça, nasce aqui e ali de acordo com seus desejos; mas aquele cujos desejos são cumpridos e que conheceu o Ser, seus desejos desaparecem mesmo aqui.

Um homem egoísta, que está identificado com a carne, apega-se ao pequeno e finito; e por mais cobiçoso de uma vida maior que seja, não pode alcançá-la. Um homem pode desejar ir à outra margem; mas se não levantar a âncora, seu barco não se moverá.

III

Este Ser não pode ser alcançado pelo estudo das Escrituras, nem pela percepção intelectual, nem pelo frequente ouvir sobre Ele. Aquele a quem o Ser escolhe, por ele apenas Ele é alcançado. A ele o Ser revela Sua verdadeira natureza.

Este mesmo verso aparece no *Katha-Upanishad* (Parte II, V. 23) e é explicado longamente lá. Somente aquele cujo coração está totalmente purificado e preparado pode receber a revelação; portanto, o Ser naturalmente escolhe aquele e nenhum outro. Isso significa que temos que nos entregar completamente antes de podermos obter a visão superior.

IV

Este Ser não pode ser alcançado por aquele que é desprovido de força, ou por aquele que é desatento, ou por aquele cuja austeridade é sem

renúncia. Mas se o homem sábio se esforça por esses meios, seu Ser entra na morada de Brahman.

Os *Upanishads* frequentemente enfatizam a ideia de que nenhuma pessoa fraca pode atingir a Verdade; mas isso não significa mera fraqueza física. A força necessária para a visão espiritual é um vigor interior. Os sábios, ao escolherem seus discípulos, tinham o cuidado de escolher aqueles que estavam cheios de energia, fiéis e dispostos a fazer qualquer coisa. Mesmo a prática árdua de austeridade, no entanto, será infrutífera, a menos que o coração esteja liberto de desejos inferiores.

V

Os *Rishis* (sábios Videntes), após tê-Lo atingido, tornam-se satisfeitos através do conhecimento. Tendo realizado seu fim e estando livres de todo desejo, tornam-se tranquilos. Os sábios autocontrolados, realizando o Espírito onipresente manifestado em todas as coisas, entram em tudo.

Eles entram em tudo porque realizam a unidade universal da vida cósmica. Eles “veem o Ser em todos os seres e todos os seres no Ser.” (*Bhagavad-Gita*.)

VI

Sannyāsins (buscadores espiritualmente consagrados), tendo apreendido com certeza o verdadeiro significado do conhecimento da Vedanta, tendo purificado sua natureza pela prática da renúncia, e tendo realizado a suprema imortalidade, após o grande fim (morte) tornam-se liberados no mundo de Brahman.

VII

Suas quinze partes retornam à sua fonte; todos os sentidos voltam às suas divindades correspondentes; o Ser, juntamente com suas ações e conhecimento adquirido, torna-se um com o supremo Brahman imperecível.

As quinze partes referidas são *Prāna* (vida), fé, éter, ar, fogo, água, terra, sentidos, mente, alimento, vigor, austeridade, *mantras* (textos sagrados), sacrifício e os mundos (de nome e forma). A fé é mencionada após *Prāna* porque é o maior poder impulsor na vida. Quando a realização final vem, as várias partes do ser

físico, intelectual e moral do homem se fundem em um todo harmonioso e se unem ao Supremo.

VIII

Assim como os rios que fluem se perdem no oceano, abandonando nome e forma, assim também o conhecedor, libertado do nome e forma, atinge o efulgente supremo *Purusha* (Ser).

À medida que a consciência do homem se expande para a consciência universal, as limitações da autoconsciência necessariamente se dissolvem; mas ele não perde sua verdadeira entidade. Assim que atinge o conhecimento de seu verdadeiro Ser, ele transcende o plano do nome e da forma e entra em união consciente com a Fonte universal da existência e conhecimento. Como é dito no *Prasna-Upanishad*: “Ele se torna sem partes e imortal.”

IX

Aquele que conhece aquele supremo Brahman torna-se como Brahman. Em sua família ninguém nasce que seja ignorante de Brahman. Ele supera a tristeza; ele supera o pecado; e estando libertado dos nós do coração, ele se torna imortal.

X

Assim está declarado no seguinte texto: Que este conhecimento de Brahman seja ensinado apenas àqueles que realizaram sacrifícios prescritos nas Escrituras; que são bem versados nos Vedas; que são devotados a Brahman, que com fé realizaram o sacrifício do fogo *Ekarshi*; e que cumpriram o voto de carregar fogo em sua cabeça (*Shirovrata*).

Este verso significa que apenas aqueles que se purificaram realizando com humildade e devoção adequadas os vários ritos e votos dados nas Escrituras, serão capazes de entender ou seguir o conhecimento superior. Portanto, apenas a eles deve ser ensinado. A outros trará apenas confusão mental e impedirá seu progresso.

XI

O sábio Angiras, em tempos antigos, ensinou esta verdade (a Saunaka). Ela não deve ser estudada por alguém que não cumpriu o

voto de autossacrifício e serviço. Adoração aos grandes *Rishis*!
Adoração aos grandes *Rishis*!

Aqui termina o Mundaka-Upanishad.

OM! PAZ! PAZ! PAZ!

